

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

TAMIRES DE PAULA ARAUJO

Conexão entre Trabalho Remoto e Turismo: Os Critérios dos Nômades Digitais para Escolha de
Destinos

São Paulo
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico,
para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Araujo, Tamires de Paula

Conexão entre Trabalho Remoto e Turismo: : Os
Critérios dos Nômades Digitais para Escolha de Destinos /
Tamires de Paula Araujo; orientador, Julio Carneiro da
Cunha. - São Paulo, 2024.
82 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São
Paulo.

Bibliografia

1. Turismo e nomadismo digital. I. Carneiro da Cunha,
Julio . II. Título.

CDD 21.ed. - 910

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor(a): _____

Título: _____

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de _____.

Orientador(a)(es): Prof(a)(es). Dr(a)(es) _____

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). _____

(Presidente)

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha mãe e à minha irmã Thais, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio e incentivo para que eu seguisse em frente com meus estudos e sonhos. O carinho e a compreensão de ambas foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também ao meu orientador, Professor Julio Carneiro da Cunha, pela confiança no meu trabalho e pela orientação ao longo de todo o processo. Sua confiança no meu trabalho e no tema escolhido foi um verdadeiro impulso para o desenvolvimento deste estudo. Agradeço pela paciência, pelos ensinamentos e pela dedicação ao longo de todo o processo.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à minha adorável cachorrinha Wendy, cuja presença constante e carinho me proporcionaram momentos de conforto e alívio durante as longas horas de trabalho. Sua presença foi um apoio valioso.

E a todos que fizeram parte da minha vida acadêmica, meu sincero agradecimento!

RESUMO

ARAUJO, Tamires de Paula. *Conexão entre Trabalho Remoto e Turismo: Os Critérios dos Nômades Digitais para Escolha de Destinos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Resumo: O presente trabalho, intitulado Nômades Digitais: Redefinindo a Conexão entre Trabalho e Turismo, investiga os fatores que influenciam a escolha de destinos pelos nômades digitais, um grupo emergente no contexto do trabalho remoto e do turismo contemporâneo. O estudo tem como objetivo compreender as motivações, prioridades e desafios enfrentados por esses profissionais ao escolherem seus destinos, destacando elementos como custo de vida, qualidade de vida, infraestrutura tecnológica e presença de comunidades internacionais. Para isso, foi utilizada uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas com nômades digitais brasileiros, cujas respostas foram analisadas por meio da técnica de análise temática. Os resultados apontam que, embora fatores como conectividade digital e segurança sejam fundamentais, os nômades também priorizam a interação social e a possibilidade de vivenciar culturas locais, especialmente em destinos com custos acessíveis e alta qualidade de vida. Além disso, observou-se uma preferência por estadias prolongadas, o que contribui para a mitigação do *overturism* e promove um turismo mais sustentável. As conclusões do estudo reforçam a importância de comunidades acolhedoras e de uma infraestrutura robusta para atrair esse público, destacando o impacto econômico e social positivo que esses profissionais podem trazer para os destinos escolhidos. Do ponto de vista teórico, o trabalho amplia a compreensão sobre o nomadismo digital enquanto um fenômeno multifacetado que conecta mobilidade global, trabalho remoto e turismo. Na prática, sugere-se que empresas e formuladores de políticas invistam em estratégias que incluem a criação de vistos específicos, incentivos fiscais e programas que promovam a integração de nômades digitais às comunidades locais.

Palavras-chave: Nômades digitais. Trabalho remoto. Escolha de destinos. Mobilidade global.

ABSTRACT

Abstract: This study, titled Digital Nomads: Redefining the Connection between Work and Tourism, explores the factors influencing destination choices among digital nomads, an emerging group in the context of remote work and contemporary tourism. The research aims to understand the motivations, priorities, and challenges faced by these professionals when selecting destinations, highlighting elements such as cost of living, quality of life, technological infrastructure, and the presence of international communities. A qualitative approach was adopted, based on semi-structured interviews with Brazilian digital nomads, whose responses were analyzed using thematic analysis techniques. The findings reveal that while factors like digital connectivity and safety are fundamental, digital nomads also prioritize social interaction and the opportunity to experience local cultures, particularly in destinations with affordable costs and high quality of life. Additionally, a preference for extended stays was observed, which helps mitigate overtourism and fosters more sustainable tourism practices. The study concludes that welcoming communities and robust infrastructure are essential for attracting this demographic, emphasizing the positive economic and social impacts these professionals bring to their chosen destinations. From a theoretical perspective, the research expands the understanding of digital nomadism as a multifaceted phenomenon connecting global mobility, remote work, and tourism. Practically, it recommends that companies and policymakers invest in strategies that include creating specific visas, tax incentives, and programs that promote the integration of digital nomads into local communities.

Key-words: Digital nomads. Remote work. Destination choice. Global mobility.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação do Perfil dos Entrevistados.....	37
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVO.....	13
3 DO NOMADISMO AO SEDENTARISMO.....	14
4 TURISMO TRADICIONAL E NOMADISMO DIGITAL.....	19
5 PERFIL DOS NÔMADES DIGITAIS.....	23
6 O CRESCIMENTO DE NÔMADES DIGITAIS APÓS A PANDEMIA.....	25
7 FATORES QUE INFLUENCIAM A ESCOLHA DO DESTINO DE UM NÔMADE DIGITAL....	27
7.1 Flexibilidade, mobilidade global e conectividade.....	27
7.2 Mobilidade urbana.....	28
7.3 Infraestrutura de trabalho e espaços de coworking.....	29
7.4 Custo de vida e Qualidade de vida.....	30
7.5 Facilidades de Visto e políticas locais.....	32
7.6 Possibilidade de imersão cultural.....	33
8 METODOLOGIA.....	34
9 RESULTADOS.....	37
9.1 Perfil dos Entrevistados.....	37
9.2 Motivações para o nomadismo digital.....	39
9.3 Abordagem Rápida vs. Abordagem Lenta.....	41
9.4 Rotina de Lazer e Trabalho.....	43
9.5 Critérios de escolha de destinos.....	45
9.5.1 Custo de Vida.....	45
9.5.2 Infraestrutura digital.....	46
9.5.3 Qualidade de vida e Estilo de vida local.....	48
10 DISCUSSÕES.....	50
11 CONCLUSÕES.....	53
11.1 Sugestões de estudos futuros.....	55
11.2 Limitações do estudos.....	56
12 REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

A forma de viver e trabalhar passou por profundas transformações nas últimas décadas, impulsionadas pelo avanço tecnológico e pelas mudanças no comportamento social. Entre essas mudanças, o nomadismo digital se destacou como uma tendência que redefine tanto o conceito de trabalho quanto de turismo, permitindo que profissionais trabalhem remotamente enquanto exploram diferentes partes do mundo. Esse fenômeno, que ganhou destaque especialmente após a pandemia da Covid-19, consolidou o trabalho remoto como uma prática viável para muitas empresas e abriu espaço para um estilo de vida que une flexibilidade profissional e mobilidade geográfica. Esse movimento reflete uma busca crescente por liberdade e autonomia, características que tem se tornado cada vez mais valorizadas em um mundo interconectado.

Segundo o Relatório Global de Tendências Migratórias (Fragomen, 2022), estima-se que em 2035 haverá aproximadamente 1 bilhão de nômades digitais no mundo, refletindo a magnitude desse fenômeno. Essa projeção destaca o potencial do nomadismo digital como uma força econômica e social, com impacto direto no setor de turismo e nas políticas públicas globais. Para o Brasil, que já é reconhecido por sua diversidade cultural, beleza natural e clima atrativo, o nomadismo digital representa uma oportunidade estratégica para atrair profissionais globais e diversificar sua economia, caso invista em infraestrutura digital e iniciativas de incentivo a esse público. Países como a Estônia e Barbados já colhem os frutos dessa tendência ao implementar vistos específicos e programas de incentivo, um modelo que o Brasil poderia adaptar para fortalecer sua posição como destino de nômades digitais.

O nomadismo digital não apenas redefine o trabalho, mas também cria novas dinâmicas econômicas e culturais. Assim como os primeiros nômades da era Neolítica, que migravam em busca de melhores condições para sua sobrevivência, os nômades contemporâneos deslocam-se entre diferentes destinos, guiados por fatores como custo de vida, qualidade de infraestrutura digital e experiências culturais ricas. Essa analogia com o nomadismo tradicional reflete como, ao longo do tempo, a mobilidade humana passou de uma necessidade básica de sobrevivência para uma busca por melhor qualidade de vida e satisfação pessoal. Dessa forma, o

nomadismo digital questiona padrões convencionais de produtividade e valores associados ao trabalho em escritórios fixos, incentivando um estilo de vida flexível e global.

Além disso, as mudanças impostas pela pandemia aceleraram a adoção do trabalho remoto em escala global, consolidando o nomadismo digital como uma realidade. De acordo com MBO Partners (2020), o número de nômades digitais nos Estados Unidos cresceu 48% entre 2019 e 2020, alcançando 10,9 milhões de profissionais. Estônia e Barbados lideraram esse movimento ao oferecer infraestrutura tecnológica robusta, políticas de incentivo e uma adaptação cultural que promove experiências enriquecedoras. No Brasil, destinos como São Paulo e Rio de Janeiro têm se destacado entre comunidades globais.

Esse novo estilo de vida tem implicações significativas para o setor de turismo, já que esses viajantes buscam não apenas atrativos turísticos, mas também uma infraestrutura adequada para o trabalho remoto. Destinos populares entre nômades digitais, como Bali, Lisboa e Bangkok, destacam-se por oferecerem boa conectividade à internet, espaços de coworking e uma variedade de atividades culturais e recreativas. Além disso, a demanda desses viajantes por locais que proporcionem um equilíbrio entre trabalho e lazer tem levado a transformações econômicas e sociais nas comunidades que os acolhem. Como resultado, surgem novas oportunidades e desafios para as políticas de turismo e desenvolvimento urbano, já que as cidades precisam adaptar suas infraestruturas para atender às necessidades de um público global e temporário.

2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é identificar os fatores que influenciam a escolha dos destinos pelos nômades digitais, um fenômeno crescente que reflete as transformações no mundo do trabalho e nas dinâmicas de turismo. Nos últimos anos, o nomadismo digital tem se consolidado como uma alternativa ao modelo tradicional de trabalho, permitindo que os profissionais desempenhem suas atividades de qualquer lugar do mundo, desde que tenham acesso à internet. Essa liberdade geográfica não apenas proporciona uma nova forma de trabalhar, mas também influencia significativamente as decisões relacionadas ao turismo. Para alcançar esse objetivo, este estudo se propõe a investigar elementos que moldam a experiência dos nômades digitais em relação à seleção de destinos, considerando aspectos como a infraestrutura de conectividade, o ambiente cultural, o custo de vida e a segurança.

Com a aceleração do trabalho remoto impulsionada pela pandemia da Covid-19, a relevância do nomadismo digital aumentou exponencialmente, destacando-se como uma nova forma de turismo e mobilidade. Busca-se compreender a importância da conectividade, uma vez que a qualidade da internet disponível é fundamental para a realização das atividades profissionais. Além disso, o ambiente cultural e social do destino é um aspecto vital, pois nômades digitais tendem a preferir locais que oferecem ricas experiências culturais e oportunidades de socialização. Outro fator relevante é o custo de vida, que impacta diretamente na escolha de destinos que permitam um padrão de vida elevado a um custo acessível. Por fim, a segurança e a estabilidade política do local são consideradas, pois ambientes seguros proporcionam maior tranquilidade para aqueles que desejam conciliar trabalho e lazer.

Através da análise desses fatores, esse trabalho visa contribuir para uma compreensão mais ampla do nomadismo digital, oferecendo uma compreensão valiosa para o setor de turismo sobre como atender as necessidades específicas dessa nova demanda por mobilidade e flexibilidade.

3 DO NOMADISMO AO SEDENTARISMO

3.1 Evolução do Nomadismo

O nomadismo é uma das formas de organização social mais antigas da humanidade, e seu desenvolvimento variou amplamente entre diferentes culturas e regiões, dependendo das condições ambientais e das necessidades de sobrevivência de cada povo. Como destacado por Carolino; Oliveira (2022), o nomadismo se originou exclusivamente durante o período Paleolítico, quando os seres humanos dependiam exclusivamente da caça e da coleta de alimento para sobreviver. A escassez e a sazonalidade dos recursos naturais tornavam a mobilidade uma estratégia essencial para encontrar fontes de alimentos e segurança, obrigando os grupos a se deslocarem constantemente em busca de condições favoráveis à sobrevivência.

Na Ásia central, os povos nômades desenvolveram um sistema conhecido como transumância, que consistia em migrações sazonais para pastagens adequadas ao longo do ano. Esse sistema foi especialmente desenvolvido por povos como os mongóis e cazaques, que dependiam da criação de gado para subsistir em regiões de climas extremos, alternando-se entre áreas altas e baixas, conforme as estações do ano mudavam. De acordo com Kradin (2002), essa forma de nomadismo pastoril exigia uma cultura coletiva baseada na cooperação, além de um conhecimento profundo sobre as rotas de migração e os ecossistemas locais.

No Oriente Médio, o nomadismo adaptou-se a um ambiente árido e desértico, onde grupos como os beduínos, conhecidos como povos do deserto, mantêm práticas de migração em busca de água e pastagem para seus animais. Essa adaptação deu origem ao que Kradin (2002) chama de nomadismo de sobrevivência, uma forma de organização social que depende de alianças tribais e da solidariedade entre os membros do grupo. Os beduínos movem-se conforme as necessidades de seu rebanho, mantendo um ciclo de mobilidade e permanência que é moldado pela disponibilidade de recursos em regiões desérticas e pela conexão com seu ambiente natural.

Além disso, na África do Norte, os tuaregues exemplificam outra variante do nomadismo, desenvolvida no contexto das vastas regiões do Saara. Os tuaregues praticam um tipo de

nomadismo que mescla a criação de rebanhos com comércio inter-regional. Como mencionado pelo Carolino; Oliveira (2022), esses povos desenvolveram um vínculo com o ambiente desértico e se tornaram especialistas em rotas de comércio que conectam diferentes regiões do Norte da África. Essa habilidade permitiu que eles desempenhassem um papel fundamental no comércio transaariano, ajudando a criar rotas comerciais que não só facilitavam trocas econômicas, mas também contribuíam para a disseminação cultural e de conhecimento.

Essas manifestações culturais do nomadismo destacam sua importância histórica e seu papel adaptativo em diferentes regiões do mundo. Apesar dos avanços da modernidade e das pressões para sedentarização, as práticas nômades ainda persistem, oferecendo uma perspectiva única sobre a resiliência humana e a sua relação em explorar o desconhecido. Conforme exposto por Kradin (2002) e Carolino; Oliveira (2022), o nomadismo não apenas influenciou profundamente a formação das sociedades antigas, mas continua a ser uma prática viva e culturalmente rica em várias partes do mundo.

3.2 Impacto Ambiental e Social do Sedentarismo

A transição do nomadismo para o sedentarismo, iniciada com a Revolução Neolítica, provocou mudanças profundas no relacionamento humano com o ambiente e nas dinâmicas sociais das primeiras comunidades fixas. Durante esse período, a domesticação de animais e o desenvolvimento da agricultura permitiram a formação de assentamentos permanentes, mudando a necessidade de movimentação constante em busca de recursos. Essa nova estabilidade possibilitou o aumento da população e a criação de vilas e cidades, estabelecendo bases para o surgimento das primeiras civilizações (ALMEIDA; LACERDA, 2022, p. 175-184).

O impacto ambiental dessa transição foi significativo. A exploração da terra para a agricultura alterou o ecossistema, levando ao desmatamento e à degradação ambiental, problemas que resultaram do esgotamento dos solos e da perda de áreas naturais (MENTE, CAROLINO; OLIVEIRA, 2022, p. 71 - 78). Esse processo também incentivou a criação de fronteiras e a propriedade territorial, promovendo uma visão mais estática do espaço e consolidando a noção de território. Além disso, conforme Klabin (2002) aponta, o sedentarismo

permitiu a acumulação de excedentes, favorecendo a divisão de classes. Isso deu origem a novas hierarquias sociais, nas quais o controle da terra e dos recursos trouxe poder e status, gerando desigualdades que foram consolidando-se ao longo dos séculos. (CADÓ; SANTOS, 2022, p. 153 - 161)

A partir desse contexto, o turismo, como conhecemos hoje, começou a tomar forma. Ao se estabelecerem em áreas específicas, as sociedades sedentárias desenvolveram centros urbanos que não apenas abrigava o comércio e a governança, mas também se tornaram polos culturais. Cidades como Roma e Atenas, por exemplo, eram vistas como centros de conhecimento, religião e artes, atraindo viajantes de regiões distantes. O motivo das viagens passou a ir além da simples necessidade de sobrevivência e se tornou também uma busca por conhecimento, comércio e troca cultural, elementos que formam as bases do turismo moderno, Segundo Mente, Cultura e Sociedade (2022), o surgimento de centros urbanos facilitou essa interação ao proporcionar espaços dedicados ao comércio e à cultura.

Esse processo foi intensificado com o avanço das civilizações e a criação de infraestruturas como estradas e hospedagens, que incentivaram deslocamento mais seguro e planejados. Assim, o sedentarismo, ao mesmo tempo que permitiu o surgimento de civilizações complexas, também criou as condições para o desenvolvimento do turismo como conhecemos hoje. A partir de então, viajar passou a ter um novo propósito: a busca por intercâmbio cultural e enriquecimento pessoal, uma motivação que se fortalece no contexto do nomadismo digital moderno, onde o trabalho remoto e a mobilidade global redefinem as práticas de viagem e as expectativas dos viajantes contemporâneos.

3.3 Motivações e Perfil do Nômade Digital Moderno

O nomadismo digital é uma forma contemporânea de mobilidade que combina trabalho remoto e exploração geográfica. Esse estilo de vida surgiu em resposta ao avanço das tecnologias de comunicação e da globalização, permitindo que profissionais, como freelancers, empreendedores e trabalhadores remotos, realizem suas atividades de qualquer lugar, sem vínculo com um local fixo de trabalho ou residência. Gomes (2019) descreve o nômade digital

como um indivíduo com a capacidade de conciliar o trabalho e o lazer, encontrando um equilíbrio entre produtividade e qualidade de vida.

Uma das características centrais do estilo de vida dos nômades digitais é a flexibilidade. Com uma conexão à internet, esses profissionais podem escolher locais de trabalho que correspondam às suas preferências pessoais, como clima, cultura, custo de vida e segurança (MATOS, 2016). A popularidade dos espaços de coworking e do co-living reflete a busca dos nômades digitais por um ambiente social e colaborativo, que lhes permite manter um senso de comunidade e rotina, mesmo mudando frequentemente de lugar (REICHENBERGER, 2018). De acordo com Chavtaeva e Denizci-Gillet (2021), a presença de coworkings bem estruturados em um destino é um critério importante para essa escolha, pois garante não apenas infraestrutura de trabalho, mas também oportunidades de socialização e integração.

No entanto, a vida nômade digital apresenta desafios menos visíveis. Embora o discurso predominante enfatize a liberdade e a flexibilidade desse estilo de vida, Matos (2016) e Santos (2023) apontam que há um custo emocional e social significativo. Em busca dessa liberdade, muitos nômades abrem mão do convívio frequente com familiares e amigos e, muitas vezes, enfrentam sentimentos de solidão e isolamento, fatores que podem afetar negativamente a qualidade de vida. Santos (2023) observa que, para muitos nômades digitais, o isolamento pode ser um desafio constante, já que estão frequentemente distantes de sua rede de apoio, o que torna necessário encontrar formas alternativas de criar laços sociais e manter o bem-estar mental.

Além disso, a flexibilidade geográfica nem sempre garante uma maior flexibilidade de tempo. Gomes (2019) destaca que, em muitos casos, o trabalho remoto leva a uma sobrecarga, já que as fronteiras entre o tempo de trabalho e lazer tornam-se difusas, dificultando o desligamento completo das responsabilidades profissionais. Esse cenário é descrito como um “sistema de renúncias”, onde o nômade digital abre mão de uma estrutura mais estável em favor de um sentimento de liberdade, mas, em contrapartida, lida com demandas profissionais contínuas, sem garantia de tempo livre.

Outro aspecto, conforme observado por Matos (2016), é o fenômeno do “porto-seguro” para nômades digitais brasileiros. Ainda que grande parte do tempo o nômade digital brasileiro

passe em viagem para outras localidades, especialmente, outros países, é comum um sentimento de segurança e porto seguro na sua localidade-base de origem - que pode ser, muitas vezes, a casa dos pais (MATOS, 2016). Ou seja, podem existir casos nos quais pode haver um retorno frequente ao que eles consideram como casa, na busca de um sentimento de segurança para que eles possam seguir suas atividades como em outras localidades (MATOS, 2016). Em resumo, o nomadismo digital não é apenas um movimento em busca de liberdade geográfica, mas também uma forma complexa de vida que exige habilidades de adaptação constante, equilíbrio entre liberdade, responsabilidade e estratégias de conexão social em meio a um ambiente de constante mudança.

4 TURISMO TRADICIONAL E NOMADISMO DIGITAL

O turismo tradicional e o nomadismo digital compartilham elementos importantes, como a mobilidade, o impacto nas economias locais e o uso da infraestrutura turística. No entanto, diferenças fundamentais separam esses dois conceitos, especialmente no que se refere à duração das estadias, os objetivos das viagens e a relação com os destinos. De acordo com Gomes (2019), o turismo tradicional caracteriza-se por viagens de curta ou média duração, cujo principal objetivo é o lazer, o descanso ou atividades culturais específicas. Esse tipo de turismo normalmente planeja suas viagens com antecedência, hospedando-se em hotéis, resorts ou acomodações temporárias e retornando ao local de origem após o término da viagem. O impacto econômico do turismo tradicional é significativo, particularmente em áreas que dependem do turismo sazonal, como regiões litorâneas, ilhas e centros históricos, que recebem grande fluxo de visitantes durante certas épocas do ano.

Por outro lado, o nomadismo digital combina o ato de viajar com o trabalho remoto, permitindo que os nômades digitais permaneçam por longos períodos em destinos variados, sem a necessidade de retornar a um local de origem fixo. Ao contrário dos turistas tradicionais, que mantêm uma relação temporária e, em muitos casos, superficial com os destinos que visitam, os nômades digitais tendem a integrar-se de maneira mais profunda nas comunidades locais, utilizando serviços como habitação de médio a longo prazo, coworking, e atividades de lazer frequentes, o que gera um impacto econômico constante e de maior profundidade nas economias locais (SANTOS, 2023).

A diferença na duração da estadia entre os turistas tradicionais e os nômades digitais também é um aspecto relevante. Nômades digitais, em muitos casos, escolhem permanecer em um destino por meses ou até anos, o que não apenas fortalece a conexão com o local, mas também contribui de forma mais estável para a economia local. Como observado por Sayareu e Coskun (2024), esses indivíduos gastam com moradia, transporte e alimentação ao longo de períodos prolongados, gerando uma receita constante para as economias locais, em contraste com o impacto mais pontual e concentrado do turismo de curto prazo.

Além disso, a motivação para escolha dos destinos varia entre esses dois grupos. Turistas tradicionais geralmente escolhem seus destinos com base em atrações culturais ou naturais, enquanto os nômades digitais tendem a priorizar fatores como infraestrutura digital e a presença de espaços de coworking são essenciais para garantir a continuidade de suas atividades profissionais. Segundo Gomes (2019) e Chavtaeva & Denizci-Gillet (2021), esses elementos são cruciais para que esses profissionais possam manter seu ritmo de trabalho, o que influencia diretamente na escolha de destinos mais preparados para atender essa demanda.

Outro ponto de divergência entre o turismo tradicional e o nomadismo digital é o uso da tecnologia. Enquanto os turistas tradicionais costumam se desconectar do trabalho durante suas viagens, buscando uma pausa completa, os nômades digitais dependem da tecnologia e da conectividade para manter sua produtividade. utilizando laptops, aplicativos de comunicação e plataformas de colaboração online, eles conseguem sustentar suas responsabilidades profissionais ao mesmo tempo em que exploram novos destinos. Teodoro et al. (2023) descreve esse fenômeno como uma fusão entre trabalho e lazer, onde os nômades digitais mantêm suas rotinas de trabalho adaptadas aos contextos culturais e físicos dos locais que escolhem para viver temporariamente.

O impacto social e ambiental gerado por cada tipo de viajante também merece destaque. Os nômades digitais, por permanecerem por períodos prolongados, geralmente buscam minimizar seu impacto ambiental e social, engajando-se mais ativamente em questões locais e apoiando o turismo sustentável. Ao estabelecer uma relação mais duradoura com o local, muitos desses profissionais tornam-se envolvidos com a preservação e conservação da região, promovendo um turismo menos invasivo e mais integrado às necessidades locais (GOMES, 2019; SANTOS, 2023). Por outro lado, o turismo tradicional, caracterizado por estadias curtas e um grande número de visitantes em temporadas específicas, pode gerar maior pressão sobre as infraestruturas e os recursos locais, o que exige um planejamento eficiente para reduzir impactos negativos.

Em resumo, enquanto o turismo tradicional ainda mantém sua importância na economia global, o nomadismo digital representa uma evolução do turismo tradicional, oferecendo aos

destinos uma oportunidade de atrair trabalhadores que contribuem de forma consistente e a longo prazo para a economia local. No contexto do nomadismo digital, o turismo transforma-se em uma experiência integrada ao cotidiano do nômade, ao invés de ser uma simples pausa temporária, permitindo uma interação mais enriquecedora e sustentável entre o visitante e a comunidade local (GOMES, 2019; REICHENBERGER, 2018)

5 PERFIL DOS NÔMADES DIGITAIS

O perfil dos nômades digitais pode ser entendido a partir de diversos fatores que envolve tanto suas características sociodemográficas quanto suas motivações e estilo de vida. De acordo com os estudos de Matos (2016) e Gomes (2019), os nômades digitais geralmente são jovens adultos na faixa etária entre 24 e 35 anos, com uma alta qualificação educacional. A maior parte dos entrevistados possui formação superior, com destaque para as áreas de tecnologia da informação, marketing digital, designer e comunicação. Profissões que podem ser realizadas de maneira remota, utilizando apenas um computador e uma conexão de internet (MATOS, 2016).

Os nômades digitais são majoritariamente freelancers ou empreendedores que escolhem trabalhar de maneira independente. A flexibilidade de horários e a liberdade para decidir onde e como trabalhar são elementos importantes para esse estilo de vida desses profissionais. Eles tendem a procurar trabalhos flexíveis que permitam movimentação constante e adaptação a diferentes fusos horários (MATOS, 2016; GOMES, 2019).

A busca pela liberdade e autonomia é uma das principais motivações dos nômades digitais. De acordo com Matos (2016), muitos desses profissionais se sentem insatisfeitos com o modelo de trabalho tradicional, que impõe restrições em termos de tempo e localização. Eles buscam um estilo de vida que permita conciliar o trabalho com o lazer, explorando diferentes culturas e locais enquanto continuam a trabalhar remotamente.

Além da flexibilidade, os nômades digitais também são atraídos pela possibilidade de viver destinos com custo de vida mais acessível e maior qualidade de vida do que em seus países de origem. Gomes (2019) destaca que destinos com infraestrutura digital, baixo custo de vida e uma comunidade ativa de nômades digitais, são especialmente populares por esse grupo de pessoas.

O estilo de vida dos nômades digitais é definido pela flexibilidade constante e pela capacidade de trabalhar em qualquer lugar do mundo. Ao contrário dos turistas tradicionais, os nômades digitais têm uma relação mais profunda com os destinos que visitam, permanecendo

por longos períodos. Segundo Gomes (2019), muitos nômades ficam meses em um mesmo local antes de se mudarem, o que permite uma imersão cultural maior e um impacto econômico mais constante nas economias locais.

Matos (2016) aposta que o uso da tecnologia é central para a rotina desses profissionais. Eles dependem de uma boa infraestrutura digital e de internet rápida e estável para manter suas atividades profissionais, o que faz com que a conectividade seja um fator decisivo na escolha dos destinos. Além disso, muitos nômades digitais utilizam espaços de coworking e co-living, que oferecem um ambiente colaborativo, onde podem interagir com outros profissionais que compartilham do mesmo estilo de vida.

Uma outra característica dos nômades digitais é sua alta capacidade de adaptação. Ao se moverem constantemente entre diferentes países e culturas, eles acabam criando uma habilidade para gerenciar mudanças frequentes, seja na infraestrutura local, no estilo de vida, ou nas demandas culturais dos destinos. Essa flexibilidade é uma parte fundamental do seu perfil, permitindo-lhes lidar com diferentes fusos horários, legislações locais, e até mesmo questões logísticas, como encontrar moradia ou espaços para co-working com boa conectividade (GOMES, 2019).

Essa adaptação também reflete uma organização e disciplina, visto que os nômades precisam equilibrar as exigências do trabalho com a exploração de novos lugares, o que os força a criar rotinas estruturadas, sem a supervisão direta de um chefe ou o ambiente físico de um escritório convencional (MATOS, 2016). Além disso, o desejo de conhecer novas culturas e viver variadas experiências também faz parte do perfil do nômade digital. Ao escolher destinos que oferecem diversidade cultural e uma boa qualidade de vida, esses indivíduos demonstram uma curiosidade e uma mentalidade aberta, dispostos a se engajar em novas comunidades e criar laços globais enquanto mantêm suas atividades profissionais (GOMES 2019).

6 O CRESCIMENTO DE NÔMADES DIGITAIS APÓS A PANDEMIA

A pandemia do COVID-19 gerou transformações profundas nas dinâmicas de trabalho e mobilidade global, impulsionando significativamente o crescimento do trabalho remoto e, consequentemente, do nomadismo digital. À medida que as empresas migraram para o trabalho remoto, muitos profissionais perceberam a possibilidade de conciliar sua vida profissional com um estilo de vida mais flexível e móvel. Esse contexto estimulou um aumento expressivo no número de nômades digitais, que adotaram a liberdade geográfica para alinhar trabalho e lazer. Segundo Sayareu e Coskun (2024), o período pandêmico foi catalisador desse movimento, expondo a viabilidade do trabalho remoto em larga escala.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o número de nômades digitais cresceu 48% entre 2019 e 2020, atingindo cerca de 10,9% milhões de pessoas (MBO PARTNERS, 2020). Este crescimento reflete uma tendência global que encontrou suporte em avanços tecnológicos e na aceitação crescente do trabalho remoto por empresas em diversos setores. De acordo com Santos (2023), a pandemia desafiou as antigas normas do trabalho em escritório, demonstrando que a produtividade não está necessariamente vinculada à presença física no local de trabalho.

Com a popularização desse estilo de vida, países como a Estônia, Barbados e Georgia introduziram políticas específicas para atrair nômades digitais, incluindo vistos especiais que permitem estadias prolongadas. Essas iniciativas não apenas beneficiam os trabalhadores remotos, mas também geram impactos positivos nas economias locais, ao atrair uma força de trabalho que contribui para setores como habitação, alimentação e lazer, sem depender de contratos tradicionais de trabalho (REICHENBERGER, 2018).

A Estônia, pioneira no incentivo ao nomadismo digital, lançou em 2020 seu “Digital Nomad Visa”, permitindo que trabalhadores remotos vivam e contribuam para a economia local por até um ano. Já Barbados criou o “Welcome Stamp”, um programa que atraiu milhares de nômades ao oferecer um ambiente seguro e infraestrutura robusta para trabalho remoto. Segundo Matos (2016), essas políticas demonstram a adaptação de governos ao crescente fenômeno do trabalho remoto, promovendo uma economia mais diversificada e menos dependente do turismo sazonal.

Os nômades não buscam apenas lugares que possuem boa infraestrutura digital, mas também destinos que ofereçam qualidade de vida, como contato com a natureza, atividades de lazer e comunidades de nômades digitais. Esses destinos atraem não só pela infraestrutura, mas também por seu potencial de promover o bem-estar, oferecendo uma experiência de vida mais equilibrada entre trabalho e lazer. Locais como Bali, Tailândia e Lisboa se tornaram centros globais para nômades digitais, oferecendo uma infraestrutura robusta e uma comunidade internacional ativa. A flexibilidade no trabalho remoto possibilitou a formação de uma nova categoria de turistas, que não se deslocam apenas para lazer, mas integram viagem e trabalho no seu cotidiano. (SAYAREU; COŞKUN, 2024).

Com a pandemia, as empresas perceberam que a produtividade não está vinculada ao escritório, o que possibilitou a adoção definitiva de políticas de trabalho remoto (MBO Partners, 2020). Isso mostrou que o nomadismo digital não é apenas uma tendência passageira, mas uma nova forma de viver e trabalhar, alinhada com a digitalização do mercado e o desejo de liberdade e mobilidade que muitos profissionais buscam. Como resultado, o número de nômades digitais deve continuar crescendo nos próximos anos, consolidando-se como uma força relevante no turismo e nas economias locais que os recebem (SAYAREU; COŞKUN, 2024).

7 FATORES QUE INFLUENCIAM A ESCOLHA DO DESTINO DE UM NÔMADE DIGITAL

7.1 Flexibilidade, mobilidade global e conectividade

A flexibilidade é um dos pilares fundamentais que definem o estilo de vida dos nômades digitais. Essa característica permite que esses profissionais escolham onde e como trabalhar, desde que disponham de uma conexão estável com a internet. Essa liberdade tem transformado as expectativas em torno do conceito de trabalho, tornando-o mais adaptável às preferências individuais e promovendo a integração entre atividades profissionais e lazer. Segundo Gomes (2019), essa flexibilidade não apenas melhora a qualidade de vida dos nômades, mas também redefine o trabalho como uma atividade que pode coexistir com o prazer de explorar novos lugares e culturas.

A mobilidade associada ao nomadismo digital é outro elemento crucial. Com a globalização e os avanços tecnológicos, tornou-se possível transitar entre diferentes países e cidades com maior facilidade. Reichenberger (2018) destaca que a conectividade global é essencial para que os nômades digitais mantenham suas atividades, eliminando as barreiras físicas que anteriormente restringiam o trabalho remoto. Esses profissionais frequentemente utilizam espaços de coworking e acomodações adaptadas ao estilo de vida itinerante, escolhendo destinos com boa infraestrutura para apoiar suas rotinas móveis.

Além da conectividade necessária para realizar suas atividades profissionais, os nômades digitais utilizam a tecnologia para manter contato com familiares e amigos em suas localidades de origem. Aplicativos de comunicação e redes sociais desempenham um papel fundamental nesse contexto, proporcionando uma sensação de proximidade e conforto emocional, mesmo quando estão fisicamente distantes. Como aponta Loryn (2022), essa interação digital cria uma conexão com o lar e ajuda a mitigar sentimentos de isolamento, algo comum entre os nômades que estão constantemente em movimento.

A flexibilidade oferecida pelo trabalho remoto permite que os nômades digitais escolham destinos que atendam às suas preferências pessoais e necessidades profissionais. Muitos priorizam locais com clima agradável, custo de vida acessível e boa infraestrutura tecnológica. Além disso, como observado por Matos (2016), a flexibilidade geográfica permite que os nômades adaptem sua rotina de trabalho e lazer a cada destino, criando um equilíbrio único que dificilmente seria alcançado em um ambiente de trabalho tradicional. Esse modelo flexível, no entanto, também apresenta desafios. Teodoro et al. (2023) destacam que, embora a conectividade facilite o trabalho remoto, ela também pode intensificar as demandas profissionais, dificultando a separação entre trabalho e lazer. O uso constante de tecnologia pode levar à sobrecarga, tornando essencial a criação de limites claros para garantir um equilíbrio saudável.

A combinação de flexibilidade, mobilidade e conectividade é o que define o estilo de vida dos nômades digitais. Esses fatores não apenas permitem que esses profissionais mantenham suas atividades em qualquer lugar do mundo, mas também promovem uma integração única entre vida pessoal, trabalho e lazer. Ao mesmo tempo, destacam-se os desafios associados a esse modelo, como a necessidade de equilibrar responsabilidades profissionais com bem-estar pessoal. Assim, compreender essas dinâmicas é essencial para avaliar o impacto do nomadismo digital no trabalho, no turismo e na forma como as pessoas interagem com o mundo ao seu redor.

7.2 Mobilidade urbana

A mobilidade é um aspecto central na escolha de destinos pelos nômades digitais. Diferentemente de turistas convencionais, esses profissionais não se limitam a uma única localização, mas transitam entre cidades e países regularmente, muitas vezes motivados por oportunidades, infraestrutura ou experiências culturais específicas. Essa alta mobilidade só é possível graças aos avanços tecnológicos, que permitem que o trabalho remoto seja eficiente e produtivo, independentemente de onde o profissional esteja localizado. Segundo Muller(2016), a principal ferramenta de trabalho de um nômade digital é um laptop com conexão à internet, o que reduz significativamente a dependência de um escritório físico e expande as possibilidades de escolha de locais para trabalho.

Além da conectividade, os nômades digitais buscam destinos que oferecem vivências e atrações culturais únicas. Para muitos, a infraestrutura urbana desempenha um papel crucial na decisão de onde se estabelecer temporariamente. Locais com boas redes de transporte, como metrô, ônibus e serviços de compartilhamento de bicicletas, são altamente valorizados, pois oferecem praticidade e economia. Segundo Gomes (2019), a facilidade de locomoção dentro da cidade não apenas melhora a experiência de vida temporária, mas também permite que os nômades explorem diferentes pontos turísticos e áreas culturais com maior eficiência.

A experiência de mobilidade não é apenas funcional; ela também influencia a percepção de qualidade de vida do nômade digital. Um destino que combina acessibilidade, segurança no transporte e comodidades urbanas oferece uma experiência mais satisfatória para esses profissionais. Locais como Lisboa, com sua rede de transporte eficiente e vibrante vida cultural, que alia conectividade urbana com custo de vida acessível, são exemplos de destinos que atraem nômades digitais devido à qualidade de sua infraestrutura.

7.3 Infraestrutura de trabalho e espaços de coworking

A infraestrutura de trabalho é um fator essencial para a escolha de destinos por nômades digitais, influenciando diretamente sua produtividade e qualidade de vida no local. Destinos que oferecem boas condições de trabalho, como conexão estável à internet, transporte eficiente e acomodações confortáveis, são frequentemente preferidos por esses profissionais. Segundo Castro, Gosling e Machado (2022), esses fatores criam um ambiente propício para que os nômades possam desempenhar suas funções sem distrações ou preocupações logísticas, garantindo um equilíbrio saudável entre trabalho e lazer.

Os espaços de coworking têm um papel central nesse contexto, funcionando como locais de trabalho que oferecem infraestrutura de alta qualidade, como conectividade de alta velocidade ambientes para reuniões e áreas de colaboração. Como destacam Chavtaeva e Denizci-Gillet (2021), a presença de espaços de coworking bem equipados é um dos critérios mais importantes para os nômades digitais ao escolherem um destino. Esses ambientes não apenas atendem às

demandas técnicas e profissionais, mas também promovem interações sociais e networking, fatores essenciais para um estilo de vida nômade.

Além disso, os coworkings desempenham um papel significativo no combate ao isolamento social. Matos (2016) aponta que muitos nômades digitais enfrentam desafios emocionais ao viver longe de suas redes de apoio tradicionais. Os coworkings oferecem uma solução ao criar um ambiente de troca e comunidade, permitindo que esses profissionais façam conexões tanto pessoais quanto profissionais. Para muitos, esses espaços se tornam não apenas locais de trabalho, mas também pontos de integração com outras culturas e estilos de vida.

A crescente demanda por espaços de coworking tem levado à inovação no design e no modelo de negócios desses locais. Em muitos destinos, os coworkings oferecem serviços personalizados para atender às necessidades específicas dos nômades digitais, como eventos de networking, programas de bem-estar e até mesmo experiências culturais. Como relatado por Reichenberger (2018), essa integração de trabalho, socialização e lazer nos coworkings reflete as expectativas de um público que busca um estilo de vida integrado e dinâmico. Além disso, a qualidade da infraestrutura do coworking é muitas vezes um reflexo do destino como um todo.

7.4 Custo de vida e Qualidade de vida

Os nômades digitais costumam permanecer por semanas ou meses em um destino, considerando o custo de vida uma variável essencial ao decidir onde se estabelecer. Essa decisão é particularmente importante devido à necessidade de equilibrar despesas com a manutenção de um estilo de vida que combine trabalho remoto, lazer e experiências culturais enriquecedoras (CASTRO, GOSLING e MACHADO, 2022).

Ainda que os nômades digitais tendem a ser minimalistas (MANCINELLI, 2020), os destinos que mais atraem os nômades digitais tendem a oferecer um custo de vida mais baixo em comparação aos grandes centros urbanos globais. Países como Argentina, Tailândia e Indonésia, por exemplo, tornaram-se cada vez mais populares entre os profissionais, proporcionando uma boa infraestrutura para trabalho remoto, uma rica oferta cultural, um custo acessível de moradia,

alimentação e transporte. A possibilidade de viver confortavelmente em um local com custos mais baixos permite que o nômade digital não apenas economize, mas também tenha mais liberdade financeira para explorar outros aspectos do local, como turismo, lazer e novas experiências culturais (GOMES, 2019). De acordo com Bednorz (2023), a flexibilidade para escolher locais com custos acessíveis é uma das grandes vantagens do nomadismo digital, permitindo que esses profissionais aproveitem os benefícios de destinos exóticos sem comprometer sua renda.

Além disso, muitos nômades digitais são empreendedores ou freelancers, cujas rendas podem variar de mês em mês. Por isso, o fator custo-benefício se torna um elemento-chave na escolha do destino. Cidades com um baixo custo de vida, mas que ainda oferecem uma boa qualidade de vida, acabam atraindo nômades que buscam otimizar seus gastos sem abrir mão de uma boa experiência de vida. Isso inclui serviços de saúde acessíveis e uma ampla gama de atividades de lazer. De acordo com Oliveira (2019), a qualidade de vida no destino, associada a uma boa infraestrutura turística e de saúde, impacta diretamente a satisfação dos visitantes, incluindo os nômades digitais.

Outro aspecto importante é o acesso a recursos naturais e ambientes ao ar livre, que contribuem para a qualidade de vida. Nômades digitais tendem a valorizar destinos que ofereçam paisagens naturais acessíveis, como praias e montanhas. Bali é um exemplo de local que combina o custo de vida acessível com a oferta de espaços naturais e atividades ao ar livre, essenciais para o bem-estar físico e mental desses profissionais (MATOS, 2016). O equilíbrio entre o trabalho remoto e a oportunidade de explorar o ambiente local é fundamental para manter a motivação e satisfação.

A qualidade de vida dos nômades digitais também está associada à presença de comunidades acolhedoras e redes de apoio. A sensação de pertencimento e a facilidade para fazer networking são frequentemente citadas como fatores que promovem adaptação e satisfação em um novo destino. Santos (2023) observa que locais com uma comunidade ativa de nômades digitais facilitam a integração social, o desenvolvimento profissional e o bem-estar geral. Portanto, o custo de vida e a qualidade de vida no destino são fatores interconectados que

influenciam fortemente a escolha dos nômades digitais. Eles buscam destinos que equilibrem acessibilidade financeira com boa oferta de serviços, segurança e qualidade de vida, garantindo que possam trabalhar remotamente enquanto exploram as vivências culturais do local.

7.5 Facilidades de Visto e políticas locais

Algumas cidades e países estão estabelecendo políticas específicas de vistos para nômades digitais. Uma das justificativas é porque se entende que esse tipo de profissional pode trazer recursos e estimular o desenvolvimento local a partir de seus gastos rotineiros nestes destinos (BAHRI, 2024). Além disso, essas políticas visam atrair o público que, além de contribuir economicamente, pode colaborar com a diversificação da economia local, especialmente em regiões que tradicionalmente dependem do turismo sazonal. A criação de vistos específicos para nômades digitais, como exemplo da Estônia que tem se mostrado uma estratégia eficaz para atrair essa força de trabalho global, que buscam flexibilidade e qualidade de vida em seus destinos de escolha (BEDNORZ, 2023)

A facilidade de visto, portanto, não é um fator que influencia positivamente a escolha de um destino pelo nômade digital. Isso porque um local com facilidade de se obter um visto não necessariamente é atrativo para esse público. No entanto, locais que facilitam a permanência prolongada e oferecem condições para trabalho remoto tendem a ser mais competitivos (OLIVEIRA, 2019). Todavia, ao se analisar as dificuldades para se obter um visto como uma barreira, isso pode fazer mais sentido para o caso dos nômades digitais. Isto é, talvez valha mais entender que a dificuldade para se obter o visto de um destino é uma grande barreira para o nômade digital escolher esse destino (LACÁRCEL et al., 2024). Desta forma, espera-se que haja uma relação negativa entre a dificuldade em se obter visto do destino e a percepção de valor dessa localidade para o nômade digital. É um caso que parece fazer mais sentido ser analisado a partir de uma relação inversa: quanto mais dificuldade para se obter um visto, menos um destino é valorizado pelo nômade digital.

Além do processo de obtenção de visto, outro fator que impacta a escolha de destinos é a presença de políticas fiscais atrativas. Esse apontamento teórico vai contra a ideia de que o

nômade digital prefira locais isolados e de difícil acesso a outros nômades. Parece ser uma busca do nômade digital a interação com as pessoas e não seu isolamento. Até porque, a solidão e o isolamento são vistos como pontos negativos das suas atividades como nômades digitais. A interação com comunidades locais e com outros nômades digitais é valorizada, pois é essencial para a sustentabilidade desse estilo de vida (GOMES, 2019).

7.6 Possibilidade de imersão cultural

A possibilidade de realizar uma imersão cultural no seu destino turístico é um dos pontos que estão positivamente relacionados com a escolha deste destino pelo nômade digital (LACÁRCEL et al., 2024). Isso se justifica porque o nômade digital comumente tem um perfil que valoriza mais experiências de vida, o que inclui essas vivências interculturais, do que a acumulação material (LACÁRCEL et al., 2024). Isso significa que quando se consideram as potencialidades de um destino para se receber um nômade digital, não se fala somente do local contar com infraestrutura para seu trabalho, mas também suas condições para oferecer uma vivência que ele julgue enriquecedora para sua vida. O nômade digital valoriza não somente um local culturalmente rico e diverso da sua realidade de origem, mas a possibilidade de imergir e vivenciar essa cultura, buscando assim benefícios intangíveis para sua instalação (mesmo que temporária).

Todavia, pode existir um paradoxo relacionado à essa imersão cultural. Isto é, quanto mais um nômade digital tem contatos cooperativos com residentes do destino, isso aumenta sua identificação com o local; essa identificação com o destino pode estar fora de sintonia com a sua identidade nômade, o que faz com que ele reduza sua intenção de re-visita a esse destino (MIOCEVIC, 2024) onde ele teve maior identificação a partir da sua imersão e construção de laços. Há, portanto, um claro dilema que precisa ser mais investigado para melhor compreensão dos comportamentos de escolha de destino pelos nômades digitais.

8 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho utiliza uma abordagem qualitativa para compreender em profundidade os fatores que influenciam a escolha de destinos por nômades digitais. A natureza qualitativa desta pesquisa se justifica pela necessidade de investigar as motivações, percepções e experiências pessoais dos entrevistados, além de permitir uma análise mais detalhada e subjetiva de como esses fatores impactam na escolha de um destino.

A análise de dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo temática, conforme proposto por Bardin (2011). Essa técnica permite identificar padrões ou temas dentro dos dados qualitativos, sendo amplamente utilizada para categorizar e interpretar respostas de entrevistas em estudos exploratórios. Para esse trabalho, as categorias de análise foram definidas a priori, com base na revisão de literatura sobre o que os nômades digitais valorizam em um destino, incluindo aspectos como infraestrutura digital, custo de vida, segurança, cultura local e comunidade já estabelecida de nômades. Os dados obtidos foram interpretados à luz dessas categorias, considerando as opiniões expressas pelos entrevistados e estabelecendo conexão entre teoria e prática.

O principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Esta modalidade foi escolhida por proporcionar flexibilidade ao entrevistador para explorar mais a fundo determinados temas que emergem durante as respostas do entrevistado, mantendo ao mesmo tempo um roteiro estruturado para garantir que todos os tópicos essenciais sejam abordados. A estrutura do roteiro buscou integrar as categorias temáticas identificadas previamente na literatura, permitindo que os dados coletados fossem analisados de forma sistemática e comparativa.

O roteiro de entrevista utilizado nas entrevistas foi desenvolvido precisamente com foco em investigar:

- Perfil do participante, para entender o histórico e contexto de vida;
- Motivações para estilo de vida nômade digital, a fim de identificar os fatores que impulsionam a escolha desse estilo de vida;

- Desafios enfrentados no nomadismo, visando compreender as dificuldades encontradas durante as viagens e o trabalho remoto;
- Fatores determinantes na escolha dos destinos, para compreender quais aspectos são prioritários na tomada de decisão.

O roteiro de entrevista foi baseado em estudos prévios sobre o nomadismo digital, adaptando as necessidades da pesquisa em questão. Esses estudos forneceram a base para a construção das perguntas, garantindo que os principais fatores de escolha de destinos por nômades digitais fossem abordados de maneira abrangente, além de permitir uma análise comparativa com outros achados da literatura.

Os participantes das entrevistas foram nômades digitais selecionados de forma não-probabilística, com base em critérios específicos: profissionais que tenham vivenciado o estilo de vida nômade digital por pelo menos seis meses e que tenham viajado para diferentes cidades e países. Esse recorte foi adotado para garantir que os entrevistados tivessem uma experiência diversificada e que pudesse contribuir com percepções variadas sobre os fatores que influenciam suas escolhas de destino. Compreender o que leva esses profissionais a escolher certos destinos foi um dos objetivos centrais, permitindo uma visão mais rica e detalhada sobre as decisões de viagem dos nômades digitais.

A seleção de participantes foi realizada por meio de plataformas digitais e redes sociais, como grupos de nômades digitais no Facebook e em comunidades online dedicadas a esse estilo de vida. As comunidades utilizadas foram "Digital nomads Brazil", "Digital Nomads Brazil - nômades digitais Brasil - by Expat Money" e "Nomades digitais". Essas plataformas foram escolhidas pela facilidade de acesso ao público-alvo, permitindo a seleção de indivíduos que atendessem ao perfil desejado e estivessem dispostos a compartilhar suas experiências sobre como escolhem os destinos de suas viagens. Dessa forma, foi possível garantir que a amostra da pesquisa fosse composta por nômades digitais com vivências práticas, proporcionando riqueza de dados e insights valiosos sobre suas escolhas de destino e os fatores que priorizam.

Em síntese, a aplicação da análise de conteúdo temática permitiu estruturar as opiniões dos participantes em categorias previamente definidas, conectando os achados empíricos à literatura existente sobre o nomadismo digital. Essa abordagem metodológica possibilitou uma compreensão aprofundada e consistente dos fatores que influenciam as escolhas dos nômades digitais em relação aos destinos de viagem.

9 RESULTADOS

9.1 Perfil dos Entrevistados

Referência	Nacionalidade	Sexo	Idade	Profissão	Estado Civil	Anos de experiência como nômade
E1	Brasileiro	M	23	Web designer	Solteiro	4 anos
E2	Francês	F	32	Analista	Solteiro	6 anos
E3	Brasileiro	F	34	Marketing Digital	Casado	5 anos
E4	Brasileiro	F	47	Astróloga	Solteiro	9 anos
E5	Brasileiro	M	35	Desenvolvedor	Solteiro	5 anos
E6	Portugues	F	29	Web designer	Solteiro	4 anos
E7	Brasileiro	F	34	Fotógrafa	Solteiro	4 anos
E8	Brasileiro	M	31	Consultor	Solteiro	3 anos
E9	Francês	M	35	Tradutor	Solteiro	7 anos
E10	Brasileiro	F	32	Marketing Digital	Solteiro	2 anos

Tabela 1 - Classificação do Perfil dos Entrevistados

O perfil dos entrevistados foi analisado com base em critérios como idade, profissão, nacionalidade, estado civil e tempo de experiência como nômade digital, conforme apresentado no tabela 1. A amostra da pesquisa reflete as características comuns encontradas em estudos anteriores sobre nômades digitais, corroborando as descrições fornecidas por Matos (2016) e Gomes (2019).

A faixa etária dos entrevistados varia predominantemente entre 23 e 35 anos, com a maioria dos participantes estando na casa dos trinta. Essa faixa etária é consistente com a literatura que descreve os nômades digitais como jovens adultos, que buscam autonomia e flexibilidade no trabalho. Gomes (2019) afirma que essa faixa etária é típica, uma vez que esses

profissionais já possuem experiência no mercado de trabalho e buscam um estilo de vida que permita conciliar desenvolvimento pessoal com liberdade geográfica.

A maior parte dos entrevistados possui formação superior ou conhecimento em áreas como tecnologia da informação, marketing digital, design gráfico e consultoria. Esse dado está alinhado com as conclusões de Matos (2016), que destaca que nômades digitais tendem a ser profissionais com alta qualificação educacional, o que facilita a transição para o trabalho remoto. Áreas ligadas a tecnologia e a comunicação digital permitem que esse profissional mantenha uma carreira estável enquanto viajam.

Também é notável que a maior parte dos entrevistados são solteiros, o que confirma os estudos de Gomes (2019), que aponta que os nômades digitais, em sua maioria, optam por uma vida mais independente, muitas vezes sem a responsabilidade imediata de sustentar uma família. No entanto, houve um entrevistado casado, o que demonstra que o nomadismo digital também pode ser adotado por casais e famílias, desde que haja um planejamento adequado, como observado por Santos (2023), que menciona o crescimento de famílias nômades nos últimos anos.

Os entrevistados possuem uma média de dois a cinco anos de experiência como nômades digitais, refletindo um perfil de indivíduos que já consolidaram esse estilo de vida e possuem uma experiência nesta rotina nômade. Porém, nem todos os entrevistados conseguem manter um equilíbrio entre trabalho e lazer. Enquanto alguns relatam que após os primeiros anos conseguiram se adaptar e estruturar suas rotinas de forma equilibrada, outros, especialmente empreendedores autônomos, afirmam ter dificuldades em encontrar esse equilíbrio. Isso acontece devido a quantidade de demandas profissionais que precisam ser atendidas, tornando difícil a separação clara entre trabalho e lazer. Matos (2016) destaca que os nômades digitais frequentemente enfrentam desafios ao tentar gerenciar uma rotina estável, especialmente aqueles que trabalham como freelancers ou possuem seus próprios negócios.

A maioria dos entrevistados é de nacionalidade brasileira, refletindo o contexto da pesquisa, uma vez que a autora do estudo é brasileira e conduz as entrevistas principalmente em

portugues. Esse dado é relevante, pois o nomadismo digital também está crescendo no Brasil, especialmente com o aumento do trabalho remoto. Gomes (2019) observa que, embora o nomadismo digital seja mais comum em países desenvolvidos, ele também tem se popularizado em países como Brasil, onde o custo de vida relativamente baixo permite que muitos brasileiros viajem e trabalhem remotamente em outros países com custo de vida parecido ou mais baixo.

9.2 Motivações para o nomadismo digital

Nas entrevistas realizadas, os nômades digitais revelaram uma ampla variedade de motivações para adotar esse estilo de vida, desde a busca por liberdade profissional até o desejo de explorar novas culturas enquanto mantém suas responsabilidades profissionais. As motivações expressas pelos entrevistados estão alinhadas com o que a literatura aponta como principais impulsionadores do nomadismo digital.

A maioria dos entrevistados apontou a liberdade como o principal fator motivacional para se tornarem nômades digitais. Eles relataram que o modelo de trabalho tradicional tradicional, com horários e locais fixos, não se adequa ao que buscavam em suas carreiras e vidas pessoais. Como E6 explicou: “Acho que foi a liberdade que o trabalho remoto me proporcionou. Gosto muito de viajar, conhecer novos lugares, coisa que não fazia com frequência já que tinha o compromisso com meu trabalho, como trabalho remotamente hoje, tenho a oportunidade de continuar viajando. A capacidade de trabalhar remotamente, sem restrições geográficas, foi destacada como uma vantagem significativa. Essa motivação é consistente com o que Reichenberger (2018) descreve como as três liberdades principais do nomadismo digital: liberdade profissional, que envolve a escolha do trabalho e a autonomia; liberdade espacial, permitindo trabalhar de qualquer lugar; e liberdade pessoal, que dá espaço para o desenvolvimento pessoal e equilíbrio das prioridades da vida.

Os entrevistados também enfatizaram a importância da flexibilidade. Muitos trabalham como freelancers ou empreendedoras, o que lhes permite ajustar suas rotinas de trabalho de acordo com o lugar e o estilo de vida que estão experimentando. Essa autonomia sobre seus horários e locais de trabalho se alinha com a visão de Matos (2016), que descreve como os

nômades digitais buscam um equilíbrio entre o trabalho e o lazer, sem as pressões de um ambiente de escritório.

Outra motivação mencionada foi o desejo de explorar novas culturas e viver em diferentes partes do mundo. Muitos entrevistados relatam que o nomadismo digital possibilita uma imersão mais profunda nas culturas locais, o que vai além do turismo tradicional. E3 exemplificou: “O que motivou adotar o estilo de vida foi o desejo de viajar mesmo. A maior parte foi o desejo de viajar. Eu sempre gostei muito de viajar, sempre fiquei muito feliz e fascinada por outras culturas, outros países, outras línguas, então eu acho que meu maior desejo quando eu era mais nova era isso, era viajar e conhecer o mundo.” Essa motivação vai além do simples prazer de viajar, já que muitos relataram que o nomadismo digital permite uma imersão mais profunda nas culturas locais, algo que dificilmente seria possível em viagens turísticas tradicionais. De acordo com Gomes (2019), a oportunidade de viver em múltiplos destinos ao longo de um ano atrai muitos nômades digitais, que valorizam a chance de criar laços mais profundos com as comunidades locais. Esse comportamento reflete o desejo de novidade e de experiências transformadoras, aspectos cruciais para muitos nômades digitais que enxergam o mundo como um vasto campo de aprendizado pessoal e profissional.

Para alguns entrevistados, o desejo de fugir das estruturas corporativas tradicionais também foi uma das principais motivações para adotar o nomadismo digital. A insatisfação com os ambientes corporativos, a falta de autonomia no trabalho e a rotina fixa do escritório impulsionam esses profissionais a buscar um estilo de vida mais autêntico. E5 relatou: “Eu sempre tive essa vontade de viajar e conhecer lugares e culturas novas. Não nasci para ficar em um escritório minha vida inteira e quando percebi que minha vida tinha se tornado exatamente isso, decidi mudar e buscar minha liberdade.” Eles encontraram no nomadismo digital uma forma de romper com esses modelos restritivos e criar uma carreira que fosse mais compatível com seus valores e objetivos de vida. Matos (2016), menciona que muitos nômades digitais optam por esse estilo de vida como uma forma alternativa do trabalho tradicional alegando a busca por mais liberdade. A possibilidade de autogerenciar seu tempo e trabalho é um dos maiores atrativos para esses profissionais.

A oportunidade para o crescimento pessoal e profissional também foi ressaltada. A adaptação a diferentes culturas e ambientes e a necessidade de resolver problemas em contextos desconhecidos proporcionam um aprendizado contínuo e a expansão das redes de contato. Como E7 expressou: "Eu trabalhava em um escritório de marketing em Buenos Aires, mas sempre fui apaixonada por fotografia e viagens. Quando consegui meus primeiros clientes de fotografia, percebi que podia fazer isso de qualquer lugar do mundo." Esses pontos estão em sintonia com o que Matos (2016) sugere sobre o desenvolvimento de novas competências. A exposição a diferentes ambientes, culturas e formas de trabalho proporciona aos nômades digitais um aprendizado contínuo, tanto no nível pessoal quanto no profissional.

As motivações dos nômades digitais são bem complexas e diversas, mas compartilham um núcleo comum, a busca por liberdade, flexibilidade e crescimento pessoal. Ao contrário dos modelos tradicionais de trabalho, o nomadismo digital oferece uma abordagem fluida, onde os profissionais podem moldar suas vidas de acordo com suas paixões e interesses, sem precisar abrir mão de uma carreira.

9.3 Abordagem Rápida vs. Abordagem Lenta

Uma parte significativa dos entrevistados relatou que adotam um estilo de viagem rápido, visitando entre 8 e 15 países nos últimos 2 anos. Esse perfil de nômade digital busca maximizar a diversidade cultural e acumular o maior número possível de experiências, explorando vários países em curtos períodos. Para esses nômades, a rapidez nas viagens proporciona uma ampla exposição cultural e oportunidades de networking em locais variados. Contudo, essa frequência de movimentação pode afetar a profundidade das conexões locais e o sentimento de enraizamento. Como o E9 compartilhou: "Viajei muito por dois anos e depois desacelerei. Primeiro fui para a Itália, depois para o Brasil e fiquei um ano na América do Sul."

Por outro lado, outros entrevistados afirmam que preferem uma abordagem mais lenta, conhecida como "*slomading*", onde permanecem por períodos mais longos em cada país. Para esses profissionais, a escolha de um ritmo mais lento permite uma imersão mais profunda na cultura local, bem como uma maior produtividade e estabilidade. E1 explicou: "Quando você

começa a viajar, tem estilos de viagem. [...] Tem uma galera que tá focada em fazer o máximo de países possível, então eles estão sempre se mudando o tempo inteiro. Por isso que conseguem visitar mais países nesse mesmo tempo eu tô viajando. E tem uma galera que viaja devagar, que é o meu estilo. Fiquei quase 9 meses na Tailândia.” Esse profissionais relataram ter visitado entre 2 e 4 países por ano, permanecendo em cada destino por cerca de 6 meses. Segundo os entrevistados, essa escolha permite uma melhor imersão cultural e maior produtividade no trabalho, pois diminui o estresse associado a viagens constantes. Esse comportamento é confirmado pela tendência identificada pela MBO (2024), que revela que muitos nômades digitais estão preferindo um ritmo de viagem mais lento.

Os fatores que influenciam o número de países entrevistados incluem tanto motivações pessoais quanto exigências profissionais. Nômades digitais que trabalham em tecnologia e consultoria relatam maior mobilidade, pois a natureza de suas atividades permite viagens frequentes e adaptações a novos ambientes. Em contrapartida, empreendedores e freelancers tendem a preferir permanecer mais tempo em cada lugar para manter a produtividade sem as interrupções causadas pelas constantes mudanças. Além disso, o custo de vida em cada país tem um impacto significativo. Destinos que oferecem uma boa infraestrutura com custo reduzido, permitem estadias mais longas. Como a E3 comentou: “Depende de quanto tempo a gente vai passar lá, se for um destino para morar por alguns meses ou até alguns anos, aí custo de vida, qualidade da internet, segurança, são os três mais importantes para a gente. Agora se é um destino que a gente vai passar há um mês, algo assim, aí é mais gosto pessoal mesmo, lugares que a gente tem vontade de conhecer, culturas que a gente quer ver.” Matos (2016) destaca que o custo de vida acessível permite que muitos nômades digitais permaneçam por mais tempo em determinados locais, consolidando a tendência do “slomading”.

Os entrevistados que visitaram mais países, como E9, relataram um impacto significativo em suas rotinas e na qualidade de vida. Embora a variedade de destinos ofereça novas experiências culturais, eles também mencionam o desgaste emocional causado pelas viagens frequentes e pela necessidade de readaptação constante a novas culturas e ambientes. Esse estilo de vida intenso, com frequentes readaptações culturais, pode levar ao cansaço e à dificuldade de manter uma rotina consistente, como observa MBO Partners (2024), que confirma que os

nômades digitais que viajam frequentemente enfrentam desafios relacionados ao estresse de viagem e a dificuldade de manter uma rotina equilibrada.

Em contraste, os nômades que adotam a abordagem lenta, passando mais tempo em cada destino, relataram uma maior satisfação com o estilo de vida. Eles apontaram que a permanência prolongada permite uma integração mais profunda com a comunidade local e a criação de uma rotina mais estável, o que beneficia tanto a produtividade quanto o bem-estar, o que explica a preferência por slomading. Como o E5 comentou: “Já visitei mais de 15 países. Além dos lugares onde morei por mais tempo, como Croácia, Itália, México e Argentina. [...] Mas geralmente gosto de ficar no local por alguns meses.” E o E7 complementa: “Já visitei cerca de 12 países. Eu prefiro passar mais tempo em cada lugar, entender a cultura local e realmente me conectar com as pessoas. Morei por mais tempo na Espanha, Portugal e Peru, mas também passei temporadas curtas na Nova Zelândia, Japão e Vietnã.”

Os resultados da entrevistas indicam que, embora o número de países visitados varie entre os nômades digitais, as decisões são fortemente influenciadas por fatores como flexibilidade no trabalho, custo de vida e o desejo por um equilíbrio entre trabalho e lazer. O estilo de viagem mais lento está se tornando uma escolha comum entre aqueles que buscam maior imersão e produtividade, enquanto os nômades com uma abordagem mais rápida tendem a valorizar a diversidade cultural e a expansão de suas redes de contato.

9.4 Rotina de Lazer e Trabalho

Diversos entrevistados relataram que, embora o nomadismo digital oferece liberdade para escolher quando e onde trabalhar, muitas vezes essa flexibilidade acaba resultando em uma sobrecarga de trabalho, como no caso do E1: “Hoje em dia estou montando meu negócio e por conta disso, a demanda de trabalho é muito maior. Eu trabalhava 4 a 5 horas por dia e aproveitava o restante para conhecer o lugar. Agora que empreendo, muda a dinâmica.”. Profissionais que precisam gerenciar seus próprios negócios ou cumprir prazos rigorosos mencionam que horas de trabalho irregulares e a ausência de fronteiras claras entre o tempo de trabalho e o de lazer contribuem para um desequilíbrio. Esse problema foi especialmente

destacado por nômades que precisam adaptar suas rotinas aos fusos horários de clientes em outros continentes, como destacado pelo E4: “Dependendo do lugar eu trabalho muito de fim de semana e de noite, por conta do fuso horário e durante a semana e de dia eu saio a lazer.”

A pesquisa de Gomes (2019) confirma essa experiência, indicando que muitos nômades digitais enfrentam desafios ao tentar separar o trabalho das atividades de lazer. A falta de distinção entre o “tempo de trabalho” e o “tempo livre” pode resultar em uma carga de trabalho excessiva, especialmente quando a tecnologia está sempre à disposição.

Por outro lado, os entrevistados que possuem um emprego fixo, mesmo em fuso horário diferentes, conseguiram alcançar um equilíbrio mais eficaz entre trabalho e lazer. Esses profissionais que trabalham para empresas com rotinas e horários relativamente estáveis, mencionaram que a estrutura proporcionada por um emprego fixo contribui para uma organização mais eficaz de suas agendas e uma separação mais clara entre as esferas profissional e pessoal. Como nos relatos de E2 e E6: “Eu trabalho geralmente das 8 até as 4 da tarde e depois disso eu tenho tempo livre nos fins de semana também. Aí eu consigo fazer muitas atividades, então eu tenho muitas oportunidades de sair, de viajar.” e “ Por volta de 35 a 40 horas por semana, como ainda mantenho um emprego fixo, depende também da demanda da semana. Ainda tenho que seguir a questão do fuso horário. Mas sempre tenho tempo aos fins de semana para sair e conhecer novos lugares”

De acordo com o estudo da MBO Partners (2024), os nômades digitais com empregos tradicionais diminuíram, principalmente por conta do retorno da obrigatoriedade do presencial nas empresas. No entanto, o número de nomes digitais que são trabalhadores independentes aumentou cerca de 20% no ano de 2024. A maior parte dos entrevistados alegam ser autônomos e trabalham cerca de 25 a 40 horas semanais.

Mesmo com os desafios de equilibrar trabalho e lazer, muitos dos entrevistados afirmaram que uma das maiores vantagens do nomadismo digital é a possibilidade de explorar novos destinos e culturas durante o tempo livre. Aqueles que conseguem gerenciar melhor sua carga horária de trabalho relatam que aproveitam o lazer para participar de atividades locais,

como práticas culturais, esportes ao ar livre e visitas a pontos turísticos, como é o caso do E4 e E7: “Durante a semana e de dia eu saio a lazer, gosto muito de fazer trilhas e conhecer mais a região” e Tento reservar as manhãs para trabalhar e as tardes para explorar as cidades e fazer caminhadas.” Para esses profissionais, o lazer também é uma forma de renovar a criatividade e melhorar o desempenho no trabalho.

Os entrevistados que conseguem equilibrar trabalho e lazer relataram impactos positivos em seu bem-estar e produtividade. No entanto, para aqueles que ainda enfrentam desafios na organização do tempo, o efeito pode ser oposto. O acúmulo de demandas de trabalho e a dificuldade em manter uma rotina clara podem resultar em estresse e exaustão.

Gomes (2019), destaca que o nomadismo digital, embora ofereça uma flexibilidade, exige uma gestão consciente do tempo e dos limites para que o bem-estar não seja comprometido. Matos (2016) corrobora com essa observação, apontando que gerenciar o tempo de trabalho seria um dos desafios enfrentados pelos nômades digitais. A falta de uma rotina fixa pode gerar ansiedade e cansaço, especialmente em nômades que atuam como freelancers ou empreendedores e precisam gerenciar múltiplos projetos ao mesmo tempo.

Os entrevistados tendem a tentar manter um limite para evitar esse sentimento de sobrecarga, como no caso da E4, que diz “ Eu mantendo minha agenda disponível para meus clientes, então às vezes aparece um de última hora. Mas geralmente trabalho umas 6 horas por dia. Eu não quero me sobrecarregar e acabar tendo burnout novamente.”

9.5 Critérios de escolha de destinos

9.5.1 Custo de Vida

O custo de vida é um dos fatores mais importantes para os nômades digitais ao escolherem um destino, pois influencia diretamente a qualidade de vida e a liberdade financeira que podem manter durante a estadia. Muitos dos entrevistados relataram que escolheram destinos onde podem viver bem gastando menos, permitindo-lhes economizar enquanto continuam explorando. Como o E7 descreveu, “O custo de vida influencia muito, porque como freelancer

minha renda pode variar bastante. Eu sempre tento ir para lugares onde posso ter uma boa qualidade de vida sem gastar muito, como na América Latina ou no Sudeste Asiático. Evito destinos onde o custo de vida é muito alto, a menos que seja uma oportunidade única ou tenha algum cliente específico por lá.". Essas escolhas permitem que os nômades consigam equilibrar os gastos com despesas fixas e ainda ter recursos para explorar o local.

Gomes (2019) aponta que nômades digitais geralmente priorizam destinos com custo de vida acessível para manter uma rotina de viagens contínuas e ampliar o tempo em cada local, permitindo que explorem e absorvam a cultura local. Locais que oferecem um custo de vida acessível, são os mais escolhidos pelos nômades digitais, como no caso do E1 que diz; "A Europa, por exemplo, normalmente seria um pouco inviável, porque o custo do euro é muito alto. Então, até por isso que a gente optou pela América Latina antes da Europa." e "A gente só escolheu o Chile, na verdade, porque é o país mais barato que a Argentina. Em relação à passagem. Você vai ter que comer, então os preços do país vão influenciar muito também.".

O custo de vida acessível permite que os viajantes mantenham uma vida confortável sem abrir mão de conhecer novos lugares, experimentar a gastronomia local e participar de eventos. Para muitos, como E1 e E2 relataram, escolher destinos com preços mais baixos significa poder investir mais em experiências. Além disso, destinos mais econômicos permitem maior flexibilidade para adaptar o orçamento e eventuais flutuações de renda, característica comum para freelancers e autônomos. Essa escolha estratégica possibilita que os nômades ampliem suas estadias em cada lugar, aprofundando o contato com a cultura e estabelecendo uma rotina mais leve e menos pressionada por questões financeiras.

9.5.2 Infraestrutura digital

A infraestrutura digital é outro aspecto essencial para a maior parte dos entrevistados, uma vez que uma conexão de internet confiável e espaços de trabalho adequados são indispensáveis para o trabalho remoto. Muitos entrevistados mencionam que a qualidade da infraestrutura digital pode ser um fator decisivo para escolha do destino. Quando perguntados sobre a importância da infraestrutura tecnológica, todos destacaram sua relevância. Como relatou

E3: “A qualidade da internet nunca pode ser negligenciada porque trabalhamos online, então qualidade da internet sempre é uma prioridade.” E6 acrescenta: “Costumo dar bastante importância para isso, como tenho compromisso com meu trabalho, a qualidade da internet é essencial para que eu continue com esse estilo de vida” E8 reforça: “A qualidade da internet é crucial para mim, porque meu trabalho depende totalmente disso.” E10 complementa: “Assim, meu trabalho depende muito de uma boa internet, então eu pesquiso bastante antes de me mudar porque ainda tenho meus compromissos.”

A importância de uma infraestrutura digital robusta é confirmada por Gomes (2019) e Matos (2016), que destacam a qualidade da internet e a presença de coworking como critérios fundamentais para a escolha de destino entre os nômades digitais. Os artigos também reforçam que a existência de espaços de coworking em destinos estratégicos facilita a adaptação dos nômades ao local, fornecendo um ambiente de trabalho profissional e propício para networking. Muitos nômades mencionam a utilização de espaços de trabalho e coworking durante a entrevista, como o caso do E7: “Como tenho que subir meus trabalhos na nuvem, editar também, preciso de uma internet bem rápida. Geralmente trabalho em cafés, coworking etc. Porque eu fico hospedada muitas vezes em hostel, principalmente quando vou ficar poucas semanas naquela cidade. Mas quando vou ficar por um período longo, costumo pesquisar se a internet do local é boa e nunca tive problemas com conexão pelo menos”. No entanto, embora muitos entrevistados mencionem espaços de coworking e cafés como locais de trabalho, há nômades que não sentem tanta necessidade de utilizá-los, como no caso do E3: “Acho que internet é bem importante, mas coworking nem tanto, a gente trabalha muito em casa mesmo, ou no AirBnB no caso, trabalhamos muito em cafés também, então assim, ter ou não ter coworking eu nem procuro, para ser bem sincera.”

A preferência por espaços de coworking também varia de acordo com o perfil e a rotina de cada nômade digital. Enquanto alguns entrevistados, como E7, valorizam a estrutura oferecida nesses ambientes, outros preferem trabalhar em acomodações privadas, como Airbnb, que também proporcionam certa flexibilidade. Porém, a infraestrutura digital de um destino não se limita apenas a conexão de internet ou à presença de coworking, a disponibilidade de cafés, bibliotecas e espaços públicos com Wifi de qualidade também amplia as opções para esses

profissionais, que podem escolher entre diferentes ambientes de trabalho de acordo com sua necessidade de concentração, interação ou flexibilidade.

9.5.3 Qualidade de vida e Estilo de vida local

Para os nômades digitais, a qualidade de vida em um destino engloba fatores que vão muito além das necessidades básicas. Eles buscam locais que ofereçam um clima agradável, segurança, acesso a atividades de lazer e infraestruturas de serviços que permitam uma experiência de vida confortável. E3: “Os fatores mais importantes quando a gente escolhe um novo destino, depende de quanto tempo a gente vai passar lá, se for um destino para morar por alguns meses ou até alguns anos, aí custo de vida, qualidade da internet, segurança, são os três mais importantes para a gente. Agora se é um destino que a gente vai passar há um mês, algo assim, aí é mais gosto pessoal mesmo, lugares que a gente tem vontade de conhecer, culturas que a gente quer ver.” Santos (2021) corrobora com essa visão ao destacar que os nômades digitais priorizam a segurança e uma infraestrutura sólida ao escolher um destino que vão ficar por mais tempo.

Além da segurança, o clima, a cultura local e a variedade de atividades de lazer são fatores fundamentais para a escolha do destino. Muitos nômades valorizam o contato com novas culturas e a oportunidade de vivenciar novas experiências. E2 relatou: “Gosto muito de conhecer culturas diferentes. [...] Eu gosto de ir para países de desenvolvimento. Pelas conexões entre as pessoas e o clima também, eu gosto muito de calor e de sol.” Já para E3, “Tem que ser um lugar diverso, seja em natureza, seja em atividades culturais, seja em restaurantes. Porque a gente está viajando para isso, para se expor a culturas diferentes, coisas diferentes. Então ter essas opções, eu acho que é muito importante.”

A cultura e variedade de experiência oferecidas pelos destinos são outro ponto de destaque para esse público. Cidades como Bali, Lisboa e Bangkok são altamente populares entre os nômades digitais, pois combinam uma rica cultura local com uma comunidade ativa de estrangeiros e nômades. Essas cidades proporcionam oportunidades de imersão cultural e de socialização, criando um ambiente propício para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Segundo Gomes (2019), destinos que promovem interações sociais e cultura local permite que os nômades digitais construam experiências autênticas e integrem lazer e desenvolvimento pessoal em suas rotinas são mais procurados na comunidade nômade. Como relatou E6, “Gosto de variar. Lugares como Lisboa e São Paulo têm comunidades fortes de nômades digitais, o que facilita na adaptação, mas também gosto de destinos menores, como comunidades do interior, onde posso vivenciar a cultura de maneira mais autêntica.” e E2, “Acho que é a quantidade de atividades para fazer, seja com estrangeiros, outros nômades ou locais. Também, para mim, a beleza e a cultura em si também acho que é importante.”

A qualidade de vida e o estilo de vida local são elementos centrais na escolha do destino. Esses profissionais buscam não apenas locais acessíveis e com infraestrutura digital, mas também lugares que proporcionem uma experiência de vida rica e confortável, onde a segurança, a cultura local e a oferta de lazer estejam alinhadas com o trabalho e o bem-estar. Como ressaltou o E7: “Lisboa, é incrível. A cidade é acolhedora, tem uma ótima qualidade de vida, e a comunidade de nômades é enorme. Também gostei muito de Buenos Aires, que é acessível e tem uma cultura vibrante.” Para muitos, essas combinações é o que transforma uma cidade em um lar temporário, onde podem se integrar socialmente e vivenciar novas culturas.

Outro fator relevante na escolha do destino é a comunidade de nômades locais. Cidades com comunidades já estabelecidas de nômades digitais, como Lisboa, facilitam a adaptação e promovem interações, permitindo que esses profissionais se sintam parte de uma rede social que os apoia. E3 destaca essa importância: “É, eu prefiro com uma comunidade de nômades digitais, não diria estabelecidas, mas alguma presença. Porque sempre deixa a viagem mais interessante quando você encontra essas pessoas que têm um estilo de vida parecido, que podem te mostrar o lugar e te dar dicas e trocar também a informação dos lugares que já foram” e E10 complementa, “Por mais caro que seja, acho que Portugal é um dos destinos mais “amigáveis”, por assim dizer. Tem uma comunidade de estrangeiros bastante vasta. Na Tailândia eu fiquei por pouco tempo, mas me apaixonei pelo país, também não é barato, mas possui uma infraestrutura ótima para receber nômades.”

10 DISCUSSÕES

Os resultados sugerem que o custo de vida e a qualidade de vida são fatores fundamentais na escolha dos destinos pelos nômades digitais. A identificação do custo de vida e da qualidade de vida como fatores determinantes para a escolha dos destinos reflete o que autores como Gomes (2019) e Matos (2016) já destacaram, ao apontarem que a sustentabilidade financeira e o bem-estar são critérios fundamentais para essa comunidade. Além disso, a preferência por locais com infraestrutura acessível reflete a busca por um estilo de vida sustentável, onde o equilíbrio entre trabalho e lazer é facilitado por fatores como acessibilidade econômica e oportunidades culturais. Essa ênfase destaca como os nômades digitais reinterpretam as prioridades do turismo contemporâneo, conectando experiências culturais e práticas econômicas em um novo paradigma de mobilidade.

A preferência dos nômades digitais por estadias prolongadas indica um alinhamento com práticas de turismo sustentável, minimizando os impactos negativos associados ao *overtourism*. Essa constatação vai ao encontro das reflexões de Matos (2016), que ressalta como as estadias mais longas podem criar impactos positivos nas comunidades locais. Além disso, ao permanecerem mais tempo em um local, os nômades promovem um tipo de turismo menos sazonal e mais inclusivo, o que ressalta a necessidade de políticas públicas voltadas para a adaptação de infraestrutura e serviços.

Por outro lado, o papel limitado dos espaços de coworking como prioridade contrasta com a literatura que os posiciona como essenciais para nômades digitais, como argumentam Chavtaeva e Denizci-Gillet (2021). Enquanto a infraestrutura de trabalho segue sendo relevante, a existência de comunidades já estabelecidas de nômades digitais e estrangeiros mostrou-se ainda mais significativa, pois ajuda a mitigar o isolamento social. Isso confirma os apontamentos de Castro, Gosling e Machado (2022), que destacam como a integração social é um fator determinante na experiência do nomadismo digital. Essa divergência com a literatura revela nuances importantes dentro dessa comunidade global, demonstrando que as preferências dos nômades variam de acordo com seus perfis e necessidades.

A rotina de trabalho e lazer entre os nômades digitais revela uma dinâmica diversa, profundamente influenciada pela natureza de suas atividades profissionais. Freelancers, autônomos e empreendedores frequentemente relatam uma carga de trabalho mais intensa quando comparados aos nômades que possuem um emprego formal remoto. Isso ocorre porque esses profissionais muitas vezes enfrentam a necessidade de buscar novos clientes, gerenciar projetos e equilibrar fluxos de renda instáveis. Como resultado, o tempo dedicado ao lazer pode ser reduzido, impactando diretamente o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Esse cenário é corroborado por Matos (2016), que destaca que a autogestão e a pressão por resultados podem ampliar as jornadas de trabalho desses indivíduos. Por outro lado, os nômades digitais empregados por empresas com contratos formais tendem a apresentar rotinas mais organizadas e previsíveis, o que lhes permite um planejamento mais eficiente do tempo de lazer. Esses trabalhadores geralmente têm menos preocupações em relação à manutenção de suas receitas, o que lhes permite dedicar mais atenção às atividades de lazer e ao aproveitamento dos destinos escolhidos. No entanto, conforme apontado por Castro, Gosling e Machado (2022), independentemente do tipo de trabalho, todos os nômades digitais enfrentam o desafio de estabelecer fronteiras claras entre trabalho e lazer devido à flexibilidade que caracteriza o nomadismo digital.

Esses achados também abrem espaço para discussões sobre o impacto econômico e social desse grupo nos destinos que escolhem. Ao permanecerem por períodos mais longos e se integrarem às comunidades locais, os nômades digitais contribuem para o desenvolvimento econômico de forma mais consistente e diversificada, ao contrário do turismo tradicional, que é mais sazonal e transitório. Assim, as discussões em torno desse fenômeno não apenas ampliam a compreensão teórica sobre a mobilidade contemporânea, mas também incentivam reflexões práticas para gestores e formuladores de políticas públicas.

Outro ponto importante é que o nomadismo digital não se limita ao impacto econômico direto, mas também impulsiona a inovação nas infraestruturas dos destinos. A demanda por conectividade de alta qualidade, aliada à busca por ambientes culturalmente ricos e seguros, desafia as cidades a reconfigurar seus espaços urbanos para atender a essa nova categoria de visitantes. Segundo Bednorz (2024), a criação de espaços colaborativos que integram cultura e

trabalho pode atrair ainda mais nômades digitais. Dessa forma, o nomadismo digital atua como um catalisador para o desenvolvimento urbano, promovendo adaptações que beneficiam não apenas esses profissionais, mas também as populações locais.

Além dos fatores já analisados, os achados sugerem que o nomadismo digital cria oportunidades únicas para a reconfiguração do turismo, promovendo novos modelos de interação entre visitantes e comunidades locais. Diferente do turismo tradicional, que muitas vezes opera em ciclos rápidos e superficiais, os nômades digitais contribuem para a economia local de maneira mais estável, por meio de gastos prolongados em habitação, transporte e serviços culturais. Essa permanência também favorece o desenvolvimento de uma relação mais rica e sustentável com os destinos, uma vez que os nômades são mais propensos a respeitar as normas culturais locais e a se engajar em práticas sustentáveis, como apontado por Gomes (2019). Assim, os gestores de destinos podem capitalizar essa tendência ao oferecer políticas e serviços que incentivem a integração dos nômades nas comunidades locais.

11 CONCLUSÕES

A partir do estudo de campo, foi possível identificar os fatores que são valorizados e priorizados pelos nômades digitais. Entre os aspectos mais valorizados, destacam-se o custo de vida acessível, a qualidade de vida, a infraestrutura de conectividade digital, a segurança e a oferta de atividades culturais e de lazer. Esses fatores demonstram como a escolha de destinos está profundamente ligada à possibilidade de equilibrar trabalho remoto e lazer no dia a dia enquanto o indivíduo viaja.

Os entrevistados revelam que a qualidade da conexão à internet é um requisito indispensável para a execução de suas atividades profissionais, muitas vezes superando outros aspectos, como proximidade com grandes centros urbanos. Da mesma forma, a segurança foi amplamente destacada como prioridade, especialmente por mulheres que viajam sozinhas. Além disso, a escolha do destino é frequentemente influenciada pela oferta de atividades culturais, de lazer e pelo acesso a recursos naturais. A possibilidade de explorar ambientes ao ar livre, como praia, trilhas ou centros históricos, contribui significativamente para a qualidade de vida dos nômades digitais durante suas estadias. Esses aspectos são valorizados tanto como forma de lazer quanto como maneira de reduzir o estresse do trabalho remoto, promovendo um estilo de vida equilibrado.

Outro ponto relevante observado foi o impacto da duração da estadia nos destinos escolhidos. A maioria dos entrevistados prefere permanecer por períodos mais longos, o que permite maior imersão cultural e a criação de laços com o destino e de uma rotina mais estável. Esse comportamento também tem implicações positivas para as comunidades locais, uma vez que reduz os efeitos do *overtourism*, favorecendo um turismo mais sustentável e menos concentrado em períodos sazonais. Por outro lado, embora espaços de coworking tenham sido mencionados, eles não se mostraram essenciais para a maioria dos entrevistados para a escolha dos destinos. O que realmente se destacou foi a importância de comunidades locais já estabelecidas de nômades e estrangeiros, que funcionam como redes de suporte e ajudam a minimizar o sentimento de isolamento, uma questão frequentemente enfrentada por quem adota esse estilo de vida.

A partir dessas categorias de análise, foi possível identificar subcategorias que detalham o fenômeno, como a influência digital, a relevância da segurança, a duração das estadias e o papel das comunidades locais. Essas subcategorias oferecem um entendimento mais amplo e aprofundado sobre as prioridades e decisões desse grupo em crescimento.

Assim sendo, o estudo traz como contribuição teórica uma visão integrada das dinâmicas que envolvem o nomadismo digital, explorando como trabalho remoto, mobilidade global e turismo contemporâneo se conectam em um modelo de vida fluido e inovador.

Do ponto de vista prático, existe como recomendação gerencial que as agências de viagens e turismo desenvolvam soluções específicas para nômades digitais, como pacotes para estadias de longo prazo, eventos que promovam integração social e suporte a comunidade locais de nômades. Além disso, destinos interessados em atrair o público devem priorizar investimentos em infraestrutura digital de qualidade, serviços de segurança e uma oferta diversificada de atividades culturais e recreativas.

Ainda do ponto de vista das autoridades governamentais e dos policymakers, sugere-se que a criação de políticas públicas, como vistos específicos para nômades digitais e programas que promovam a sustentabilidade nos destinos. Também é importante que os governos locais desenvolvam estratégias para integrar esses profissionais às comunidades, ampliando os benefícios econômicos e sociais de sua presença.

Por fim, o estudo traz como contribuição social a possibilidade de fortalecer a convivência intercultural e promover um turismo mais sustentável, onde o trabalho remoto e a mobilidade global sejam elementos que enriquecem tanto os nômades digitais quanto as comunidades que os recebem. A integração desses profissionais em destinos diversos como mostra a mobilidade pode ser um motor de inovação, conexão e desenvolvimento humano.

11.1 Sugestões de estudos futuros

Uma primeira sugestão de estudos futuros seria replicar essa mesma pesquisa com nômades digitais somente de outros países, especialmente aqueles culturalmente diferentes do Brasil. Considerando que valores pessoais podem ser influenciados pela estrutura cultural do país (LIN; FU, 2017) e que os valores pessoais são decisivos para as preferências dos nômades digitais (CHEVTAEVA; DENIZCI-GUILLET, 2021), espera-se que nômades de diferentes países possam ter um sistema de preferências relacionado ao seu país de origem. Esse cuidado ajudaria a entender melhor as preferências e percepções de valor dos nômades digitais sob diferentes espectros culturais. Desta forma, seria possível identificar e propor eventuais semelhanças e discrepâncias de nômades conforme sua estrutura cultural e quadro de valores, o que seria rico para o destino saber identificar quais os nômades digitais estão mais alinhados com seus potenciais e competências e qual seria o seu público-alvo. Com isso, as ações de promoções poderiam ser mais bem direcionadas e os retornos dessas campanhas poderiam ser, portanto, mais assertivos.

Da mesma maneira, pode ser interessante realizar essa mesma pesquisa com nômades que não sejam digitais para se estabelecer comparações. Por exemplo, Richards (2015) entende que podem existir diferentes tipos de nômades além do digital, tal como o mochileiro e o “*flashpacker*”. O mochileiro é aquele nômade que se caracteriza por ter e / ou utilizar poucos recursos em suas viagens e que busca, portanto, locais que lhes possam oferecer um bom custo para estadia e trabalho, sem se apegar a elementos de luxo e supérfluos. Diferentemente disso, o *flashpacker* é considerado um “mochileiro de luxo”, isto é, ele requer uma infraestrutura mínima, seja ela digital, de estadia ou de atrativos do destino. Comparar as percepções de valor e prioridades destes três perfis certamente seria revelador para se propor diferenciação e posicionamento para os destinos receptores de nômades.

Adicionalmente, entender os sistemas de valores dos nômades digitais e como um destino pode atender ou não essas suas expectativas traz como possibilidade entender não somente o nível de atratividade de um destino para esse público, mas também seu nível de competitividade. Diante disso, com base nas preferências identificadas dos nômades digitais brasileiros nesta

pesquisa, sugere-se realizar um estudo qualitativo posterior a este, abordando os informantes-chaves de destinos nacionais e usando técnicas de análise de conteúdo para se identificar incidentes críticos, tal como já feito metodologicamente em estudos prévios (OLIVEIRA et al., 2019). Espera-se com isso confrontar se as preferências dos nômades estão de acordo com aquilo que é feito e oferecido pelas cidades brasileiras. Poder-se-ia, assim, refletir sobre a atual competitividade dos destinos nacionais para esse público específico.

Ainda baseado nesse conjunto de características de valor identificados pelos nômades digitais brasileiros, seria interessante conduzir um estudo na área de Políticas Públicas capaz de comprar as disponibilidades de normas e instituições de cada localidade para se atender aos interesses desse público. Um estudo capaz de revisar essas políticas locais formais (BEDNORZ, 2024) seria de grande valia para se entender o quanto as localidades estão institucionalmente aptas para receber e atender os interesses dos nômades digitais. Há questões institucionais ainda a serem melhor compreendidas como, por exemplo, as normas e regulamentações para emissão de vistos específicos para os nômades digitais (SÁNCHEZ-VERGARA et al., 2023).

Além disso, espera-se que as categorias aqui identificadas possam ainda ser tratadas quantitativamente para a construção de uma escala de mensuração para valor da experiência para um nômade digital. Os atributos iniciais para o desenvolvimento de uma escala de atitude já estariam propostos neste estudo, restando a uma pesquisa posterior validar empiricamente, com uma amostra maior, esta escala (HAIR JR. et al., 2019). Seria uma forma de ainda identificar os elementos preponderantes do destino na percepção de valor dos nômades digitais e construir um modelo parcimonioso. Com essa escala de mensuração em mãos, seria possível então relacionar, estatisticamente, a percepção de valor sobre um destino de um nômade digital com outras questões relacionadas, por exemplo, à sua satisfação, e às intenções de permanecer num destino e pagar por ele.

11.2 Limitações do estudos

O presente estudo conta ainda com algumas limitações. A principal delas consiste na quantidade de participantes da pesquisa qualitativa. Devido às limitações de tempo e acesso a

esse tipo bastante específico de respondente, não foi possível explorar tantos respondentes como desejado até se obter a saturação teórica dos dados de campo para definição da amostra da pesquisa (SAUNDERS et al., 2018), considerando a técnica de análise temática das categorias utilizada neste estudo (NAEEM et al., 2024).

Outra limitação significativa foi a predominância de entrevistados brasileiros, o que pode ter restringido a diversidade cultural e geográfica das perspectivas analisadas. Essa homogeneidade na amostra pode ter influenciado os resultados ao destacar fatores específicos da realidade brasileira, como idioma, contexto econômico e preferências culturais, que podem não refletir totalmente a experiência de nômades digitais de outras nacionalidades.

Por fim, a falta de um acompanhamento longitudinal dos participantes impediu uma análise mais detalhada sobre como as preferências e critérios para a escolha de destinos podem evoluir ao longo do tempo. Estudos futuros podem beneficiar-se de uma abordagem mais ampla, que inclua uma amostra maior e mais diversificada, além de um acompanhamento contínuo para captar as mudanças no comportamento dos nômades digitais.

12 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Douglas Gomes; LACERDA, Maria Eduarda Mendes. O Sedentarismo como Estopim da Revolução Neolítica e as Mudanças Sociais: O Papel da Mulher Neolítica. Diálogos Sobre Pré-História: Mente, Cultura e Sociedade vol. 1, 2022. p. 175-184.

BAHRI, M. T. Evidence of the digital nomad phenomenon: From "Reinventing" migration theory to destination countries readiness. *Heliyon*, v. 10, n. 17, 2024.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEDNORZ, J. Working from anywhere? Work from here! Approaches to attract digital nomads. *Annals of Tourism Research*, v. 105, p. 103715, 2024.

CADÓ, Jonhnattan Hudson Cadó; SANTOS, Pedro Igor Rocha Nogueira dos. A Evolução do Comportamento Humano do Período Pós-Glacial até o Fim da Pré-História. Diálogos Sobre Pré-História: Mente, Cultura e Sociedade vol. 1, 2022. p. 153-161.

CAROLINO, Beatriz da Nóbrega; OLIVEIRA, Gustavo Soares Mendes. O Primitivo e o Contemporâneo: Os Princípios do Primitivo e a Fuga da Modernidade (e de Outros Demônios). Diálogos Sobre Pré-História: Mente, Cultura e Sociedade vol. 1, 2022. p. 71-78.

CASTRO, N.; GOSLING, M.; MACHADO, D. F. C. A relação entre a experiência no destino e a qualidade de vida de nômades digitais. *Dos Algarves: Tourism, Hospitality & Management Journal*, n. 41, p. 43-69, 2022.

CHEVTAEVA, E.; DENIZCI-GUILLET, B. Digital nomads' lifestyles and coworkation. *Journal of Destination Marketing & Management*, v. 21, p. 1-11, 2021.

FRAGOMEN. Worldwide Immigration Trends Report 2022 Series: Part 3 of 3. Disponível em: <https://www.fragomen.com/trending/worldwide-immigration-trends-reports/worldwide-immigration-trends-report-2022-series-part-3-of-3.html>. Acesso em: 16 nov. 2024.

GOMES, N. S. Nômades Digitais: Quem São Estes Novos Turistas?. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos). Évora: Universidade de Évora, 2019.

GÜNEY, F.; TOKSÖZ, D.; ASLAN, Z. The causes, process and result of becoming a digital nomad family: a phenomenological case study. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, v. 16, n. 3, p. 294-302, 2024.

HAIR JR., J. F.; GABRIEL, M. L. D. S.; SILVA, D.; BRAGA JUNIOR, S. Development and validation of attitudes measurement scales: fundamental and practical aspects. *RAUSP Management Journal*, v. 54, n. 4, p. 490-507, 2019.

KRADIN, N. N. Nomadism, Evolution and World-Systems: Pastoral Societies in Theories of Historical Development. *Journal of World-Systems Research*, 8(3), 368–388, 2002.

LACÁRCEL, F. J. S.; HUETE, R.; ZERVA, K. Decoding digital nomad destination decisions through user-generated content. *Technological Forecasting and Social Change*, v. 200, p. 123098, 2024.

LIN, C.; FU, C. Changes in tourist personal values: Impact of experiencing tourism products and services. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, v. 22, n. 2, p. 173-186, 2017.

LORYN, B. Not necessarily a place: How mobile transnational online workers (digital nomads) construct and experience ‘home’. *Global Networks*, v. 22, n. 1, p. 103-118, 2022.

MANCINELLI, F. Digital nomads: freedom, responsibility and the neoliberal order. *Information Technology & Tourism*, v. 22, n. 3, p. 417-437, 2020.

MATOS, R. S. F. Nômades digitais: perfis, motivações e viabilidade. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gestão Empresarial), Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2016.

MIOCEVIC, D. Baby come back: Resident-digital nomad conflicts, destination identification, and revisit intention. *Journal of Travel Research*, p. 00472875231220945, 2024.

MBO PARTNERS. Digital Nomads: How COVID-19 Impacted Digital Nomads. 2020. Disponível em: www.mbopartners.com. Acesso em: 01 nov. 2024.

MÜLLER, A. The digital nomad: Buzzword or research category?. *Transnational Social Review*, v. 6, n. 3, p. 344-348, 2016.

NAEEM, M.; OZUEM, W.; HOWELL, K.; RANFAGNI, S. Demystification and actualisation of data saturation in qualitative research through thematic analysis. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 23, p. 16094069241229777, 2024.

OLIVEIRA, C. T. F.; ZOUAIN, D. M.; SOUZA, L. A. V.; DUARTE, A. L. F. Competitiveness of tourist destinations: demand and performance factors. *Tourism & Management Studies*, v. 15, n. 4, p. 17-26, 2019.

SÁNCHEZ-VERGARA, J. I.; OREL, M.; CAPDEVILA, I. “Home office is the here and now.” Digital nomad visa systems and remote work-focused leisure policies. *World Leisure Journal*, v. 65, n. 2, p. 236-255, 2023.

SAUNDERS, B.; SIM, J.; KINGSTONE, T.; BAKER, S.; WATERFIELD, J.; BARTLAM, B.; BURROUGHS, H.; JINKS, C. Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. *Quality & Quantity*, v. 52, p. 1893-1907, 2018.

REICHENBERGER, I. Digital nomads – a quest for holistic freedom in work and leisure. *Leisure Studies*, v. 21, n. 3, p. 364-380, 2018.

RICHARDS, G. The new global nomads: Youth travel in a globalizing world. *Tourism Recreation Research*, v. 40, n. 3, p. 340-352, 2015.

SAYAREU, B. K.; COŞKUN, I. O. Deconstructing digital nomads: are they the last frontiers of the post-tourist? *World Hospitality and Tourism Themes*, v. 16, n. 3, p. 258-268, 2024.

TEODORO, A. P. E. G.; DIAS, V. K.; ANDRADE, R. D.; FIGUEIREDO, J. P.; SCHWARTZ, G. M. Homo zappiens: nômades digitais e as subjetividades no âmbito da autogestão lazer-trabalho. *LICERE Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 26, n. 3, p. 51-77, 2023.

11.1 Entrevista

Quantos países você já visitou desde que se tornou nômade digital?

E1: “Olha, pode-se dizer que, pelo tempo que eu tô viajando, eu fiquei em poucos lugares, eu visitei só quatro países até agora. Quando você começa a viajar, tem estilos de viagem. O pessoal gosta de brincar com isso. O pessoal que é nômade. Tem uma galera que tá focada em fazer o máximo de países possível, então eles estão sempre se mudando o tempo inteiro. Por isso que conseguem visitar mais países nesse mesmo tempo eu tô viajando. E tem uma galera que viaja devagar, que é o meu estilo. Fiquei quase 9 meses na Tailândia.”

E2: “Eu fui para a África do Sul durante nove meses, fiquei um mês na Uganda, na África também. E depois voltei para a França, que é o meu país de origem, isso, e depois fui para o Brasil durante um ano. E no Brasil, eu viajei bastante, eu fui para o Rio Grande do Sul, Nordeste, Rio de Janeiro e São Paulo.”

E4: “Muito difícil de responder, já estive em muitos países desde que comecei a viajar. Eu comecei aqui na América do Sul, então fui para Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai. Aí depois fui para Europa, aí fui para França, Áustria, Portugal, Espanha. Para 9 anos é pouco.”

E5: “Já visitei mais de 15 países. Além dos lugares onde morei por mais tempo, como Croácia, Itália, México, Argentina... e teve França e Portugal também. Já visitei Bali e Espanha também,

mas fiquei por pouco tempo, fui com uns amigos passar umas semanas. Mas geralmente gosto de ficar no local por alguns meses.”

E6: “Olha, nesses 4 anos eu já morei em diversas cidades pela Europa, já morei em Barcelona, Turim, Roma, algumas cidades da França e da Alemanha. Mas agora estou conhecendo mais o Brasil. Sempre tive muitos amigos brasileiros que viviam me chamando para vir conhecer, hoje estou na casa de um amigo que conheci em Portugal.”

E7: “Já visitei cerca de 12 países. Eu prefiro passar mais tempo em cada lugar, entender a cultura local e realmente me conectar com as pessoas. Morei por mais tempo na Espanha, Portugal e Peru, mas também passei temporadas curtas na Nova Zelândia, Japão e Vietnã.”

E8: “Acho que visitei 9 países até agora. Comecei pela Europa e passei pela Holanda, Alemanha e Polônia. Depois, segui para a Ásia, onde fiquei em Singapura, Japão e Taiwan. Recentemente, estive na Austrália por seis meses.”

E9: “Viajei muito por dois anos e depois desacelerei. Primeiro fui para a Itália, depois para o Brasil e depois fiquei um ano na América do Sul. Então, Brasil, Argentina, Uruguai, Peru, Bolívia, China, Colômbia, México, Cuba, depois fui para a Austrália e Indonésia, e Portugal, e Portugal.”

E10: “Não visitei muitos, acho que uns 7 no total. Comecei esse estilo de vida a pouco tempo.”

O que motivou você a adotar o estilo de vida nômade digital?

E1: “Olha, pra ser bem sincero com você, foi uma frustração, eu acho. Eu brinco com isso, né? Eu tinha acabado de me formar no ensino técnico quando eu decidi viajar. Tinha nem um ano ainda que eu tinha me formado e tinha conseguido um trabalho lá. Estava trabalhando já há um ano e meio na empresa em que eu tinha conseguido emprego, mas não estava muito satisfeito com a rotina ali. Misturou com algumas frustrações pessoais, de relacionamentos, enfim, e foi

juntar uma coisa com a outra. E aí eu decidi que queria mudar. Então abri mão do meu trabalho e do que eu estava fazendo por aqui pra começar a viajar.”

E2: “Bom, eu, como já viajava muito, eu gosto muito de conhecer culturas diferentes, também sou fluente em vários idiomas. Mas eu acho que ficar um tempo no país ajuda a se tornar ainda mais fluente. E também porque eu, pessoalmente, não gosto de ficar na Europa, acho que não me encaixo muito na sociedade francesa, pelo menos. Então, eu gosto mais de ir para países de desenvolvimento. Pelas conexões entre as pessoas também, o clima também, eu gosto muito de calor, de sol.”

E3: “O que motivou adotar o estilo de vida foi o desejo de viajar mesmo. A maior parte foi o desejo de viajar. Eu sempre gostei muito de viajar, sempre fiquei muito feliz. Fascinada por outras culturas, outros países, outras línguas, então eu acho que meu maior desejo quando eu era mais nova era isso, era viajar e conhecer o mundo.”

E4: “Foram várias coisas na verdade. Eu passei 17 anos trabalhando direto, sem férias. Então eu não viajava. Eu nunca tinha saído do brasil, não tinha nem passaporte. E nessa época o meu pai faleceu e isso assusta né? E eu pensei ‘eu tenho burnout direto, posso morrer’. Ele nunca teve coragem de viajar, mas ele sempre estudava idiomas. Então acho que comecei por mim, pelo meu pai, vou levar o genes do meu pai para viajar.”

“Eu acho que o que despertou essa vontade mesmo de viajar foi porque eu trabalhava com educação a distância. Às vezes eu criava roteiros para uma agência de viagens da Tam. E aí eu precisava ensinar os agentes a venderem o destino. Então conforme eu fazia o roteiro para ensinar essas pessoas, eu ficava ‘nossa, quero muito fazer essa viagem’ “

E5: “Não sei, acho que eu sempre tive essa vontade de viajar e conhecer lugares e culturas novas. Não nasci para ficar em um escritório minha vida inteira e quando percebi que minha vida tinha se tornado exatamente isso, decidi mudar e buscar minha liberdade.”

E6: “Acho que foi a liberdade que o trabalho remoto me proporcionou. Gosto muito de viajar, conhecer novos lugares, coisa que não fazia com frequência já que tinha o compromisso com meu trabalho, como trabalho remotamente hoje, tenho a oportunidade de continuar viajando”

E7: "Eu trabalhava em um escritório de marketing em Buenos Aires, mas sempre fui apaixonada por fotografia e viagens. Quando consegui meus primeiros clientes de fotografia, percebi que podia fazer isso de qualquer lugar do mundo. A liberdade foi minha maior motivação."

E8: “Já trabalhava com análise de dados remotamente, então decidi começar a viajar para aproveitar melhor meu tempo.”

E9: “Por viajar, tipo, eu tive muita sorte de ter uma família que viaja muito, né? Então, desde pequeno, fui para vários países com os meus pais e tive esse gosto de viajar, né? E também já conheci a Itália porque fui para, não sei se você conhecia o programa Erasmus, que é um programa europeu que já existe em outros países do mundo, um programa de intercâmbio universitário, né? Então, fui estudar seis meses na Itália, na Roma. Então eu já gostava de viajar, e esse estilo de vida de jitano mas na época não era tão comum, sabe, como hoje.“

E10: “O principal fator que me motivou foi a possibilidade de viver experiências culturais diversas, nunca tinha saído do Brasil e era um sonho para mim fazer um mochilão. Depois que me tornei autônoma percebi que não precisava ficar em um lugar fixo para poder trabalhar e decidi me arriscar.”

Quantas horas por semana você trabalha, em média, enquanto viaja? Você consegue conciliar lazer e trabalho enquanto viaja?

E1: “Olha, eu vou ser bem sincero, eu acho que esse é o maior desafio de quem vive. Porque a gente não tem horário definido para trabalhar, não tem um cronograma. E aí isso pode ser tanto bom quanto ruim. Hoje em dia estou montando meu negócio e por conta disso, a demanda de trabalho é muito maior. Eu trabalho bem mais horas do que eu trabalhava no início, quando eu era só prestador de serviço. Eu trabalhava 4 a 5 horas por dia e aproveitava o restante para

conhecer o lugar. Eu só precisava entregar dentro do prazo, não tinha uma rotina de tantas horas por dia, então era mais tranquilo de lidar. Agora que empreendo, muda a dinâmica. Além dos serviços que eu presto, ainda tem a questão de construção do negócio, de fazer parceria, de produzir conteúdo. E eu sou empreendedor solo também, então toda demanda é por minha conta. E aí, hoje em dia, eu trabalho bem mais.”

E2: “Acho que 40 horas por semana. Sim, geralmente, sim, porque eu trabalho geralmente das 8 até as 4 da tarde e depois disso eu tenho tempo livre nos fins de semana também. Aí eu consigo fazer muitas atividades, então eu tenho muitas oportunidades de sair, de viajar.”

E3: “Varia, depende bastante da carga de trabalho, mas geralmente em torno de 20 horas a 30 horas. Geralmente não passa disso, só se tiver algum projeto especial, algo assim.”

E4: “Nossa, isso é um problema. São problemas gigantescos. É muito grande. Olha, é hora trabalho e hora lazer. E outra coisa, finanças, você tem que separar o seu dinheiro para você viver o seu dinheiro do trabalho e o seu dinheiro de turismo, que esse é um turista eterno assim, não é?. Eu mantendo minha agenda disponível para meus clientes, então às vezes aparece um de última hora. Mas geralmente trabalho umas 6 horas por dia. Eu não quero me sobrecarregar e acabar tendo burnout novamente. Mas dependendo do lugar eu trabalho muito de fim de semana e de noite, por conta do fuso horário e durante a semana e de dia eu saio a lazer, gosto muito de fazer trilhas e conhecer mais a região”

E5: “Como hoje em dia sou autônomo, trabalho em média umas 40 horas semanais. Tento manter uma rotina que equilibra trabalho e lazer. Sempre reservo um tempo para explorar a cidade e sair com meus amigos. Principalmente nos fins de semana”

E6: “Acho que por volta de 35 a 40 horas por semana, como ainda mantenho um emprego fixo, depende também da demanda da semana. Ainda tenho que seguir a questão do fuso horário. Mas sempre tenho tempo aos fins de semana para sair e conhecer novos lugares”

E7: “Em média 25 a 30 horas por semana. A fotografia me dá flexibilidade, então consigo ajustar meu tempo entre sessões e edições. Tento reservar as manhãs para trabalhar e as tardes para explorar as cidades e fazer caminhadas.”

E8: “Eu trabalho cerca de 8 horas por dia, depende da demanda. Na maior parte do tempo, sigo o horário do Canadá, o que significa que, dependendo do fuso horário, acabo trabalhando à noite e explorando o destino durante o dia.”

E9: “É uma questão na verdade. É uma experiência maravilhosa, mas muito cansativo. É difícil ter uma rotina assim. É difícil trabalhar e viajar.”

E10: “Trabalho certa de 3 a 4 horas por dia, depende da demanda que recebo. Costumo fazer tbm alguns freelancer para conseguir incrementar a renda”

Quais são os fatores mais importantes que você considera ao escolher um novo destino?

E1: (O entrevistado ia para o Chile, foi perguntado os fatores que fizeram ele escolher esse destino) “Porque estava mais barato do que a Argentina, de passagem e hospedagem, é um ponto bem importante de considerar no destino. Interesse também, porque tem muitos lugares lá que eu quero conhecer, que eu desejo muito visitar.

Estrutura para trabalho também, porque não adianta nada ir pra um país onde a conexão com a internet é ruim, a infraestrutura é péssima.

Oportunidade de conexão com outros viajantes também. Então, eu procuro sempre estar em países ou cidades onde eu consiga encontrar outros nômades. Tanto pra fazer conexão quanto para divulgar meu trabalho também e conseguir mais parcerias.

A gente só escolheu o Chile, na verdade, porque é o país mais barato que a Argentina. Em relação à passagem. Você vai ter que comer, então os preços do país vão influenciar muito também.”

E2: “Para mim, um dos fatores mais importantes é o custo de vida. Eu diria, eu gosto muito de ir para países que são geralmente mais baratos, e também, como eu falei, países onde tem essas conexões entre as pessoas. Eu não sei se você já foi para a Europa, mas as pessoas são mais

reservadas na Europa. No Brasil, as pessoas são muito mais abertas para conversar, de sair, eles têm música, essas coisas, então, para mim, é a facilidade de conhecer as pessoas. Eu acho que é muito importante para mim também o clima, como a gente já falou. E também eu diria que eu gosto de ir para países um pouco exóticos, que geralmente onde as pessoas não priorizam. Eu acredito que muitos brasileiros querem ir para a Europa, por exemplo, porque é muito legal, etc. mas eu vou para países muito aleatórios, sabe? Eu gosto muito de ir para países muito diferentes, em culturas diferentes, por exemplo, no Brasil.”

E3: “Os fatores mais importantes quando a gente escolhe um novo destino, depende de quanto tempo a gente vai passar lá, se for um destino para morar por alguns meses ou até alguns anos, aí custo de vida, qualidade da internet, segurança, são os três mais importantes para a gente. Agora se é um destino que a gente vai passar há um mês, algo assim, aí é mais gosto pessoal mesmo, lugares que a gente tem vontade de conhecer, culturas que a gente quer ver.”

E4: “Eu costumo ir onde sei que terei clientes. Essa parte para mim é muito importante. Eu fico em capitais, onde tem bastante movimentação de clientes. Eu começava a aprender a língua, atendia algumas pessoas gratuitamente, assim ela me indicava para uma outra pessoa e assim ampliava os meus clientes. Quando fui para Europa, fui fazer um curso na Alemanha e depois meu amigo me chamou para Portugal. Normalmente eu chegava no país e procurava no Facebook, eventos, essas coisas.”

E5: “Eu costumo analisar o custo de vida, qualidade da internet, o que é essencial para mim já que trabalho com isso. Acho que segurança também. Geralmente eu recebo indicações de outros nômades na verdade, faço parte de algumas comunidades no facebook, então trocamos experiências. Também pesquiso se precisa de visto e tudo mais, porque geralmente fico por bastante tempo no país”

E6: “Eu pesquiso bastante sobre a cultura, pesquiso também a moradia, geralmente fico em Airbnb, então precisa ter uma internet boa para que eu possa trabalhar. Eu gosto de ficar em locais que tenham contato com a natureza, então costumo pesquisar o que tem para fazer ali por perto, sabe?”

E7: “Como fotógrafa, eu gosto de ir para lugares com paisagens e culturas ricas. Também dependo dos meus clientes, as vezes viajo a trabalho e decido ficar mais tempo no local. Depende do custo de vida do local também, como sou autônoma, não é todos os dias que posso clientes, então dependo de trabalhos freelancer. Então a demanda de trabalho do local também influencia um pouco.”

E8: “A qualidade da internet é crucial para mim, porque meu trabalho depende totalmente disso. Também considero o custo de vida, a segurança e a facilidade de se locomover na cidade, especialmente com transporte público.”

E10: “Acho que segurança, custo de vida e internet são os principais pilares. Assim, meu trabalho depende muito de uma boa internet, então eu pesquiso bastante antes de me mudar porque ainda tenho meus compromissos.”

E qual a importância da estrutura tecnológica no momento da escolha do destino?

E2: “Para falar a verdade, na África do Sul, tem um problema que se chama load shedding que é basicamente, são cortes de luz quase diários. Geralmente, cortam a luz durante duas horas e várias vezes por dia, porque a estrutura tem muita corrupção etc. Então, na África do Sul foi bem difícil porque às vezes, a bateria do notebook não vai aguentar durante duas horas ou você precisa de luz para fazer uma chamada. Bom, eu consegui aturar isso durante nove meses, mas confesso que às vezes foi bem estressante. Por isso que eu não queria ficar lá por muito tempo. E agora eu também tento procurar destinos onde eu vou ter certeza que eu vou ter pelo menos boa conexão internet. Porque não quero ficar nessa ansiedade “será que não vou conseguir trabalhar normalmente?” etc”

E3: “ A qualidade da internet nunca pode ser negligenciada porque trabalhamos online, então qualidade da internet sempre é uma prioridade.”

“Acho que internet é bem importante, mas co-working nem tanto, a gente trabalha muito em casa mesmo, ou no AirBnB no caso, trabalhamos muito em cafés também, então assim, ter ou não ter co-working eu nem procuro, para ser bem sincera.”

E6: “Costumo dar bastante importância para isso, como tenho compromisso com meu trabalho, a qualidade da internet é essencial para que eu continue com esse estilo de vida”

E7: “Como tenho que subir meus trabalhos na nuvem, editar também, preciso de uma internet bem rápida. Geralmente trabalho em cafés, coworking etc. Porque eu fico hospedada muitas vezes em hostel, principalmente quando vou ficar poucas semanas naquela cidade. Mas quando vou ficar por um período longo, costumo pesquisar se a internet do local é boa e nunca tive problemas com conexão pelo menos”

E8: “Super importante! Meu trabalho depende disso. Isso é um fator decisivo para mim na hora de escolher um destino. Se o lugar não oferece essas facilidades, nem considero ir.”

E9: “Sim, eu dependo da internet para entregar os meus trabalhos. Por mais que eu possa deixar salvo no meu computador, para enviar as traduções e tudo mais, preciso de uma boa internet.”

E10: “Bom, como eu disse, tenho meus compromissos com o trabalho. Sou autônoma, então preciso sempre estar captando clientes e entregando trabalhos. Por mais que tente manter uma carga diária baixa, eu sempre procuro cumprir com os prazos e para isso preciso de uma boa internet. É essencial”

Como o custo de vida influencia a escolha dos destinos que você visita?

Acho que todos já falaram que isso é essencial em outras perguntas.

E3: “Só influencia se a gente for morar lá a um, não diria longo prazo, mas a médio prazo, que já aconteceu, a gente morou em Vietnam por dois anos, por exemplo, no Chile por dois anos também.” “ Então quando a gente está pesquisando um local assim base, o custo de vida conta muito, muito mesmo. A gente sempre procura um custo de vida menor do que o que a gente pode pagar, na verdade, para poder viver uma vida confortável, para poder estar investindo, a gente pensa muito no futuro também, em se aposentar.”

E7: “O custo de vida influencia muito, porque como freelancer minha renda pode variar bastante. Eu sempre tento ir para lugares onde posso ter uma boa qualidade de vida sem gastar muito, como na América Latina ou no Sudeste Asiático. Evito destinos onde o custo de vida é muito alto, a menos que seja uma oportunidade única ou tenha algum cliente específico por lá.”

E8: “O custo de vida é algo que considero, mas não é o fator principal. Como ganho em dólares canadenses, tenho uma margem maior, mas ainda prefiro lugares onde posso viver bem sem gastar muito”

O que torna um destino não atraente para você como nômade digital?

E1: “É uma pergunta boa, acho que não tem nenhum lugar que seja inviável para conhecer. Claro, salvo países em questão de guerra. Talvez o custo, talvez o custo, por exemplo. A Europa, por exemplo, normalmente seria um pouco inviável, porque o custo do euro é muito alto. Então, até por isso que a gente optou pela América Latina antes da Europa.”

E2: “Eu diria que um país onde eu não tenho certeza que vai ter uma comunidade de estrangeiros. Porque conhecer locais é muito legal, mas às vezes você pode sentir falta de conversar com estrangeiros. Para compartilhar a sua experiência. Quando você está no exterior, você tem uma visão diferente do que os locais, então tem destinos que eu considero. Mas, ao mesmo tempo, eu fico com um pouco de receio, de ficar um pouco isolada, de não ter oportunidade de sair dessas coisas.”

E3: “A primeira coisa para mim acho que é a segurança, se for um lugar violento ou se for um lugar que oferece algum tipo de risco à nossa saúde ou a nossa segurança como casal ou como mulher, aí eu não gosto, prefiro não arriscar e não ir.”

E4: “Normalmente, quando é, você sabe que vai ser, vai ser machista. A relação sabe, você sabe que o lugar pode ter machismo muito forte. Um lugar que sei que vou passar perrengue por ser mulher.”

E5: “Eu gosto de ter um estilo de vida confortável, então o custo de vida, se o custo de vida for muito alto, não é tão atraente para mim. Também tem questões políticas, então se o país estiver em guerra, etc. Mas por outro lado, um destino que não acho atraente para nômades digitais, acho que é aquele que possui uma internet ruim, alta criminalidade ou um lugar que eu me sinta muito isolado, sem uma comunidade estrangeira.”

E7: “Além do custo de vida que falei anteriormente, lugares muito isolados, onde é difícil fazer networking ou conhecer outras pessoas, podem se tornar solitários e é difícil conseguir um trabalho. Segurança também é algo importante, se o local não é seguro, principalmente para mulheres, eu procuro não ir.

E8: “Isso depende de cada pessoa, mas no meu caso acho que seria destinos que tenha uma conectividade ruim, ou lugares com problemas políticos, guerras e essas coisas. E se precisa de muita burocracia para entrar né, agora tem o visto de nômades digitais que acho que facilitou bastante esse quesito, mas antes disso era bem desafiador conseguir visto em alguns destinos, principalmente se era para mais de 3 meses.”

E9: “É difícil saber se você vai gostar de um país para morar mesmo aqui. Então, eu falei, por exemplo, da Bolívia. Eu gostaria muito de visitar de novo a Bolívia como turista de férias. Por que o problema da tecnologia tem mesmo uma questão. Gostaria também de visitar a África do Sul, mas se tem problemas assim, pode ser difícil trabalhar e morar lá. Não sei, talvez, acho que os destinos que eu pensaria... Seria o problema da tecnologia e o problema do custo de vida. Por exemplo, eu gostaria muito de visitar a Islândia, ou a Norvegia. Mas são países muito bonitos e muito avançados com a tecnologia e tudo, mas muito caros. Para mim não vale a pena, nunca pensar. Morar por muito tempo, uma estradinha mais longa por lá. Mas até mesmo um mês assim, pode não.”

E10: “Depende. Existem vários tipos de nômades, cada um se organiza de uma forma diferente, é um estilo de vida bem flexível. Para mim não vale a pena destinos com baixa conectividade, gosto de estar no centro também. Mas isso depende muito.”

Você prefere destinos com uma comunidade de nômades digitais estabelecida ou destinos menos explorados?

E1: “Olha, as duas opções são válidas. Eu digo porque, querendo ou não, mesmo sendo um país onde eu vá pra interior, ainda assim, eu consigo me conectar com a comunidade nômade dentro da cidade. Mas eu não necessariamente preciso estar no lugar físico onde os nômades estejam. Se tiver essa possibilidade, melhor, porque aí eu consigo ter esse bate-papo direto. Agora, por exemplo, na Tailândia, a gente ficou lá dois meses, 100 no interior, onde era só casa, no meio do nada. E a gente não estava só isolado de nômades, mas estava isolado da civilização mesmo. Só que foi um lugar onde eu consegui me conectar com outros viajantes, online mesmo.”

E3: “É, eu prefiro com uma comunidade de nômades digitais, não diria estabelecidas, mas alguma presença. Porque sempre deixa a viagem mais interessante quando você encontra essas pessoas que têm um estilo de vida parecido, que podem te mostrar o lugar e te dar dicas e trocar também a informação dos lugares que já foram”

E4: “Sim. Sempre tem um grupinho assim, tipo no Porto, por exemplo, tinha noma digitais girls, aí sempre compartilhamos dicas e tudo mais”.

E6: “Gosto de variar. Lugares como Lisboa e São Paulo têm comunidades fortes de nômades digitais, o que facilita na adaptação, mas também gosto de destinos menores, como comunidades do interior, onde posso vivenciar a cultura de maneira mais autêntica.”

E7: “Eu prefiro uma mistura dos dois. Gosto de conhecer destinos com uma comunidade estabelecida para trocar experiências, mas também curto explorar lugares menos conhecidos, onde posso me conectar mais com a cultura local e fugir um pouco do roteiro turístico.”

E8: “Não sei dizer, costumo participar das comunidades nômades mais nas redes sociais. Às vezes encontro com algum viajante com o mesmo estilo de vida que eu, mas não parei para pensar muito nisso.”

Como você geralmente se prepara para a sua estadia em um novo país?

E1: “Olha, agora eu tô bem mais desleixado com isso. O Chile, eu sei que é frio, então eu tô indo preparado pra isso. Mas em relação ao resto, eu tô indo mais pra conhecer lá mesmo e ter imersão cultural, de fato. Claro, sempre bom estar a par de algumas leis de imigração, até pra não ter problemas também.”

E2: “Bom, para mim, o mais importante é a questão do visto, porque geralmente eu fico bastante tempo. Se for possível, eu fico um ano em um país, ainda mais se for muito grande, então sempre tenho que procurar informações sobre o visto.”

E10: “Costumo pesquisar bastante. Tenho medo de ofender a cultura e os habitantes locais, então pesquisei bastante sobre a cultura. também vejo os valores né, a Europa costuma ser muito cara e nem sempre ganho em Euro, então tenho que ver a questão se vou conseguir ter uma vida confortável. Também pesquiso casas e apartamentos com uma boa internet.”

E quais são os maiores desafios que você enfrenta ao chegar ao novo destino?

E1: “Acho que o primeiro idioma é tudo, principalmente pra quem não sabe. Quando eu cheguei na Tailândia, a primeira vez, foi um terror. Sem saber falar inglês, não sabia tailandês, não tinha condição de aprender, então acho que o idioma seria a primeira barreira.

Depois, alimentação, porque, dependendo do país, é bem diferente. Acho que na América Latina não vai ser tanto, mas Ásia, por exemplo, tem uma culinária bem diferente. E cultura, porque, dependendo da onda do país, fica diferente. Às vezes é uma religião diferente. Então, você tem que estar minimamente a par dessas regras para não ofender a cultura do país e da cidade local que você está conhecendo.”

E2: “O primeiro desafio, acho que é achar um alojamento, e também pode ser a solidão, como é encontrar novas pessoas.”

E4: “É com moradia, é para se estabelecer em algum lugar, é para conhecer a cultura linguística do local. Normalmente, a moradia eu já vejo bem antes, eu já pesquisei bem antes para ver como que é. Primeiro, eu faço essas pesquisas que eu estava falando, de moradia. Segurança também. Eu gosto de cultura, por exemplo, então eu procuro um lugar que tem os coisas culturais em volta, eu sempre tenho uma tendência, querer morar no centro, bem perto do centro, porque eu sei que às vezes eu saio à noite.”

E5: “Boa pergunta, mas acho que seria a adaptação cultural. Mesmo com pesquisas, leva um tempo para aprender os costumes, gastronomia e etc. A língua também é um fator importante, não é todo mundo que sabe falar em inglês, então se vc não sabe a língua local, fica difícil se comunicar”

E6: “Pra mim, acho que seria a questão do fuso horário e dos costumes locais. Se adaptar a uma nova rotina é difícil”

E7: “Faço bastante pesquisa online sobre o custo de vida, segurança, infraestrutura de internet, opções de acomodação e sobre a cultura. Também tento me conectar com outros nômades que já estiveram por lá, em grupos de redes sociais. Além disso, procuro saber sobre as leis locais para evitar surpresas”

E8: “Faço uma pesquisa detalhada sobre a infraestrutura de internet e custo de vida. Também procuro entender as regras de visto e aspectos culturais importantes. Também converso com pessoas que já estiveram lá para pegar dicas sobre moradia e rotina local.”

E9: “ Para mim, 100% o alojamento. O alojamento, especialmente em destinos populares como Lisboa, que para conseguir um quarto é muito complicado, muito caro. Vejo isso até com os habitantes, que para eles é muito difícil conseguir um alojamento. Conseguir um alojamento com um custo razoável, uma internet boa.”

Quais facilidades você considera essenciais para ter uma experiência de trabalho e vida confortável em um novo destino?

E1: “O ambiente também de ter um lugar confortável para trabalhar, a facilidade de acesso para, não diria pontos turísticos, mas pontos de interesse ali. Lugares que tenham fácil acesso para lugares de interesse, para visitar, serviços médicos, transportes. Essas funcionalidades aí no geral também, além, claro, da questão de conexão com a internet, que eu acho que é o principal de todos.”

E3: “Então, acomodação, porque a gente passa muito tempo em casa, a gente trabalha geralmente de casa.” “Transporte é muito importante porque a gente não viaja de carro, a gente também não liga para carro, assim, só se a gente for fazer algum passeio específico para algum lugar distante.” “a gente procura um lugar que ou tenha transporte público, bom e disponível Ou serviço de Uber, in-driver, Grab.” “ E restaurantes, gente dá uma olhada nos restaurantes também pra ser bem sério Porque a gente gosta muito de sair pra comer”

“Se a gente tá planejando ficar semanas, meses, anos. Aí a gente já começa a pesquisar como são as opções de lazer na cidade, as acomodações e o transporte. Acho que são os três principais. Serviço médico, a gente sempre dá uma olhada, porque é bom ter pelo menos um hospital por perto, uma clínica por perto, se caso tiver alguma emergência a gente tem para onde ir. “

E5: “Para mim, acho que é internet confiável, cafés ou coworkings acessíveis, boa oferta de transporte público e segurança.”

E7: “Uma acomodação confortável e segura, espaços de coworking ou cafés onde eu possa trabalhar tranquilamente, além de transporte fácil e seguro. Também valorizo muito o acesso a supermercados e restaurantes com preços acessíveis”

E9: “Um alojamento bom para ter uma rotina de trabalho e de vida pessoal, uma vida cultural, uma vida noturna, uma vida social. Sim, é isso. Por isso eu prefiro as grandes cidades para ficar algum tempo.”

E10: “Internet rápida, moradia perto de mercados, farmácias, restaurantes e lugares turísticos que eu possa visitar, tem que ter uma ampla, não sei, uma variedade de lugares para conhecer, sabe? Gosto muito de me comunicar com a comunidade.”

Como você avalia um destino como "bom" para nômades digitais?

E1: “Internet boa, perto da praia e com boa comida. Acho que tendo isso aí, não só por experiência própria, mas que eu ouço de outros nômades falando também, eles sempre pontuam essas três coisas como fundamental.”

E2: “Acho que é a quantidade de atividades para fazer, seja com estrangeiros ou outros nômades ou locais. Acho que, por exemplo, no caso da África do Sul, a qualidade da infraestrutura tecnológica. Também para mim, a beleza do lugar acho que é importante também. A cultura em si também acho que é importante.”

E3: “Vai depender do nômade, mas priorizamos o custo de vida, segurança, entretenimento e principalmente uma boa internet”

E6: “Como eu já havia dito, internet com boa qualidade, custo de vida acessível, segurança e bastante opções de lazer. Também opto por locais que tenham vida noturna, gosto bastante de sair, conhecer restaurantes.”

E7: “Se o destino tiver uma boa infraestrutura tecnológica, for acessível financeiramente e seguro, além de ter oportunidades para socializar e conhecer novas culturas, eu considero como bom”

E você já visitou algum destino que você considerou ruim para os nômades?

E1: “Não, acho que até agora, nenhum. Não tem nenhum que não recomendaria até o momento, acho que todos que eu passei, recomendo.”

E3: “Acho que os únicos destinos que eu considerei ruim foram os que você percebia que você não era muito bem-vindo. Essa é a única coisa que me deixa bem desconfortável e que me faz meio que não querer ficar. Todo o resto dá para você lidar, e eu acho que o espírito é esse, é você conhecer lugares diferentes e lidar com essas diferenças. Agora, quando você não se sente bem-vindo, quando você sente que está incomodando, quando você vê aqueles olhares e quando, às vezes, você é maltratado por um oficial. Assim que você chega no aeroporto, isso é muito complicado.”

E5: “Não teve nenhum que considerei ruim especificamente, era uma coisa que para mim não funcionava, mas que poderia funcionar para um outro nômade. Por isso sempre compartilhamos nossas experiências através de comunidades, assim podemos analisar se aquele destino se encaixa na nossa realidade. Eu passei um tempo na Alemanha e fiquei por pouco tempo porque o custo de vida era alto e não iria conseguir me manter por muito tempo por lá. Mas outros amigos nômades que vivem lá e gostam bastante. Então é relativo.”

E6: “Até o momento não tive nenhuma experiência negativa, todas as cidades que visitei tinham uma ótima infraestrutura”

E9: Ah sim, eu não gostei da minha experiência, mas lá não estava trabalhando. Porque é impossível trabalhar lá, em Cuba, porque em Cuba não tem o internet muito limitado, sabe? Então, sim, não gostei da minha experiência lá

Você costuma usar plataformas ou sites específicos para avaliar a qualidade de destinos para nômades digitais?

A maioria falou sobre comunidades no facebook, Reddit e etc, então não cheguei a perguntar.

E9: “Normalmente é assim que eu reconheço, às vezes é porque já ouvi falar, claro, ouvi falar de um destino para outros nômades, ou mochileiros, ou não sei. E depois, sim, posso pesquisar

algumas dicas de viagem mesmo, umas coisas tipo, como qualquer viajante, tipo o que tem para visitar, o que vale a pena, ou não, esse tipo de coisas.”

Na sua opinião, quais são os destinos mais "amigáveis" para nômades digitais que você já visitou? Por quê?

E2: “Falando como estrangeiro, eu consegui ouvir isso do Brasil, eu acho que o Brasil tem uma infraestrutura oK. Eu morei no Rio de Janeiro, não tive problema de internet ou qualquer coisa. Tem bastante coisa para fazer. Além disso, viajar dentro do país é bastante fácil. Acho que a África do Sul também seria muito boa se não tivesse aquele problema. Agora Uganda e Ruanda são mais complicados em termos de transporte, essas coisas são bem difíceis. Se eu tivesse que escolher entre os países que já fui como nômade, eu escolheria o Brasil.”

E3: “Mais amigáveis, eu diria, o sudeste da Ásia é muito amigável, até porque grande parte da economia vem do turismo, e eles são muito amigáveis. Não só amigáveis, mas eles tentam ajudar. Quando eles percebem que você está tendo dificuldade em se comunicar ou encontrar alguma coisa, eles sempre são bem prestativos. Eu acho que o sudeste da Ásia, Vietnã, por exemplo, foi muito amigável, Tailândia também, Cambogia também. Malásia também. Esses que eu posso falar porque eu fui, né? Acho que foi o local mais amigável. E o que mais me impressionou é que, às vezes eles não falam sua língua, você não fala a língua deles. Mesmo assim, eles se esforçam muito para te ajudar e para você se sentir bem-vindo.”

E4: “Eu acho que para nômades em geral assim na Europa. Portugal por exemplo, as pessoas aprendem desde criança vários idiomas, então eles falam muito bem. Então são lugares na Europa. Em geral, todo mundo fala inglês, pelo menos super bem. Então acho que é mais amigável, porque se consegue se comunicar com as pessoas de um jeito mais fácil assim. Por exemplo, na América do sul, dependendo onde você vai, mesmo que você fale bem espanhol. Às vezes eles não são muito acostumados assim a lidar com o turista, então as informações são é, às vezes não tem muita informação”

E5: “Os mais amigáveis, acho que seria Lisboa, gostei bastante de viver por lá, tem uma comunidade nômade grande, tem bastante brasileiro também, então você mata um pouco a saudade de casa”

E7: “Lisboa, é incrível. A cidade é acolhedora, tem uma ótima qualidade de vida, e a comunidade de nômades é enorme. Também gostei muito de Buenos Aires, que é acessível e tem uma cultura vibrante”

E9: “Mais amigável para os nomades? Não sei, é difícil escolher. É difícil porque não fiquei ao mesmo tempo em cada destino. Às vezes, por exemplo, fiquei dois meses. A primeira vez que fui para o Brasil, fiquei dois meses. Depois de três meses na Argentina. Depois, uma semana no Chile.”

E10: “Por mais caro que seja, acho que Portugal é um dos destinos mais “amigáveis” por assim dizer. Tem uma comunidade de estrangeiros bastante vasta. Na Tailândia eu fiquei por pouco tempo, mas me apaixonei pelo país, também não é barato, mas possui uma infraestrutura ótima para receber nômades. No momento estou na Cidade do México, aqui tem um custo de vida um pouco melhor que a Europa, estou a uma semana, então não sei dizer de fato”

O que um destino precisa ter para você recomendá-lo a outros nômades digitais?

E1: “Eu recomendo para todo mundo que converso, vai para a Tailândia, vai para a Tailândia, que você vai ser feliz, recomendo muito”

“Tanto pelo lugar que é, pelas paisagens que tem, mas pela questão cultural também, que é uma imersão muito bacana de se ter. O custo está um pouco alto de ir até lá, mas vale a pena o investimento.”

E3: “Acho que diversidade de lazer, principalmente o que fazer, sabe? Então, tem que ser um lugar diverso, seja em natureza, seja em atividades culturais, seja em restaurantes. Porque a gente está viajando para isso, para se expor a culturas diferentes, coisas diferentes. Então ter essas opções, eu acho que é muito importante. É o que eu geralmente recomendo.”

E8: “Acho que seria um combo de tudo que ja falei até agora, internet, custo de vida, segurança, além de lugares com bastante coisas para fazer. Eu gosto bastante de sair, então procuro destinos que tenham uma boa oferta de lugares para visitar”

E9: “Então, é difícil responder porque no geral, quando um destino é muito popular, quando tem tudo para os nomes. Mais caro. Por exemplo, Lisboa, em Portugal, tem quase uma política de atrair os nômades de todo o mundo. Então você vai conseguir muito facilmente o networking, a internet é muito boa. Tem muitas pessoas que falam bem inglês ou também francês ou espanhol ou de línguas assim. Então o idioma não é um problema. Eu conheci muitas pessoas lá que não falam nada de português, só inglês. Mas esse sucesso faz com que os preços aumentem muito. Chego ao alojamento. Então, se você tivesse um pouco de dinheiro para investir num quarto um pouco caro, eu diria talvez Lisboa. Lisboa, lá, tem uma comunidade muito grande.”

Quais são suas expectativas em relação ao futuro do estilo de vida nômade digital?

E2: “Eu tenho a impressão que vai ficar mais ou menos a mesma coisa do que hoje em dia, porque tenho a impressão que tem menos empresas que recrutam remotamente. Ainda mais as empresas que deixam essa liberdade geográfica no mundo inteiro, porque tem empresas que deixam os empregados viajarem pela Europa somente no país onde ele está. Então, acho que vai ficar mais ou menos a mesma coisa do que hoje.”

E3: “Pra ser bem sincera, eu não tenho muitas expectativas não. Eu sei que assim, o meu futuro, minha expectativa na verdade, é ser menos nômade. Eu acho que tem um período em que a gente faz isso e que a gente passa por isso, mas viver a longo prazo como nômade digital é muito desafiador. E é muito difícil. Porque você tá sempre abandonando amigos e abandonando comunidades e tendo que começar do zero e tendo que conhecer gente nova. E fazer isso sempre, sempre, sempre tem um custo. Então eu acho que é um estilo de vida que é muito bacana. Não me arrependo nem um pouquinho, mas que também tem um prazo. E muda dependendo de pessoa pra pessoa. Mas eu acho que tem um prazo.”

E4: “Não é um estilo de vida para vida toda. A pessoa vai ver assim, Ah, eu quero ter família. Às vezes é meio complicado, porque assim é quando você está no nomadismo. Então vou conhecer

um nômade também, porque a gente viaja junto. Só que você conhece o nômade que quer vir para o Brasil e você quer ir à Tailândia. Mas ele já morou lá? Ele. Vai querer ir, rola. Rola muito disso? Ele fica assim, poxa, é difícil ter aquela pessoa que vai te acompanhar assim, sabe? Então aí às vezes vai. É muito comum, muito numa de deixar principalmente mulher e começar a pensar em deixar porque quer estabelecer uma família, ter filhos e tal, e acabar.”

E5: “Acredito que não vai mudar muito do que já é hoje, é um estilo de vida que não é para sempre, uma hora ou outra você tem que se estabelecer em algum lugar. Eu, por exemplo, já estou pensando em um local para me estabelecer, ou passar a ficar mais anos em um só país. Sinto falta de criar laços profundos. Acho que muitos nômades possuem esse pensamento”

E6: “Que pergunta difícil. Acho que vai continuar crescendo, principalmente se a oportunidade de trabalho remoto aumentar. Conheço muitos amigos que adotaram esse estilo de vida da mesma forma que eu. Acredito que ainda existam muitas pessoas que só estão esperando essa oportunidade para começar a viajar e ter o melhor dos dois mundos.”

E7: “Acredito que o nomadismo digital só vai crescer, especialmente com as mudanças no mercado de trabalho e a adaptação das empresas ao trabalho remoto. Muitos países estão criando vistos específicos para nômades, o que facilita muito nossa vida. Acho que cada vez mais destinos vão se adaptar para nos receber”

E8: “Antes eu acreditava que o nomadismo digital iria continuar a crescer, mas vejo que algumas empresas estão voltando com o presencial, como a Amazon. Então acho que vai continuar como está hoje”

E9: “Teve uma explosão de nômades assim né. Mas acho que agora as pessoas têm parado de ter um estilo de vida muito nômade assim, agora a maioria das pessoas que possuem a possibilidade de viajar muito, agora estão escolhendo um lugar fixo. Ainda viajam ainda mais que a maioria das pessoas, mas mais nas férias assim.”

10: “Acredito que esse avanço na tecnologia passa possibilitar um aumento nesse estilo de vida. Mas não sei se os destinos estão preparados para receber essa demanda. Portugal é um exemplo, muitos amigos meus dizem que está ficando muito caro até para os locais, é uma coisa que me preocupa muito. Mas ao mesmo tempo que muitos começam a se aventurar como eu, muitos se estabelecem em um lugar só. É cansativo viver viajando, tem aquele sentimento de solidão, ai da saudade da família, ou o desejo de construir uma. Então é muito complexo, ficaremos horas discutindo os prós e contras aqui”

Outras perguntas que eventualmente fiz:

Você prefere uma imersão cultural mais profunda, certo?

E1: “Exato, porque eu sou mais desse estilo, né? Eu não tô mais pra ficar contando o país, eu tô mais pra, de fato, ir conhecer o país mesmo, conhecer a cultura”

Você considera a possibilidade de estabelecer uma base fixa em algum momento?

E1: Por enquanto, o máximo que eu conseguir viajar melhor, até porque 23 anos, aproveitar que não tem nenhuma responsabilidade muito grande para viajar mesmo. E fazer esse tipo de loucura. Porque depois que ficar mais velho, tem um pouco mais de responsabilidade, não só em relação ao trabalho, mas em relação à família também. Aí eu pretendo, de fato, escolher um lugar para ficar e não parar de viajar. Mas estabelecer e diminuir um pouco o ritmo de viagem, não viajar tão frequentemente.

E você acha que os vistos de normas digitais facilitam a escolha daquele destino?

E2: “Acho que sim, até agora não consegui nenhum visto de norma digital. Mas se o destino oferecer um visto de seis ou doze meses, por que não?”

Você costuma escolher destinos baseados em atividades culturais ou recreativas? Quais são suas preferências?”

“Já escolhi destinos baseados em atividades culturais Por exemplo, na Irlanda, durante o St. Patrick's Day, eu tinha muita vontade de ver essa celebração Mas na maioria das vezes, não, não é uma atividade específica que a gente vai ver”

Você participa de eventos ou redes de networking específicas para nômades digitais no local?

E3:“ Sim, se tiver, a gente sempre procura no Facebook. Se tiver, a gente participa e tenta fazer um encontro, né, conhecer o pessoal. Nem todo lugar tem, então se não tiver, a gente sempre procura algum grupo do local, sempre tem algum grupo de alguma coisa, né? Então a gente começa por ali e vai fazendo perguntas, até porque a gente geralmente tem muitas perguntas mesmo, e o povo que já mora lá vai saber responder.”

o que torna um destino atraente para você?

E4: “O primeiro de tudo, a natureza. E a parte cultural, assim envolvendo tudo, é tradição, culinária. É eu, eu, eu sempre procuro também. Quando vou procurar viagem, é. Como que esse lugar acontece confraternizações do ano, por exemplo, a Tailândia tem uma época do ano que é impossível, que só chove, né? Então tem que olhar bem assim antes. Sim. E tem lugares que você vai em determinada fase do ano que tem muita festa tradicional, festa típica, aí é a oportunidade de comer comidas típicas na rua assim, sabe?”